

CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIVATES
CURSO PEDAGOGIA

**AUTORIDADE: ENCONTROS E DESENCONTROS NAS RELAÇÕES
FAMILIARES**

Daiane Nicolini Jung

Lajeado, dezembro de 2014

Daiane Nicolini Jung

AUTORIDADE: ENCONTROS E DESENCONTROS NAS RELAÇÕES FAMILIARES

Monografia apresentada na disciplina de trabalho de conclusão de Curso II, do Curso de Pedagogia, do Centro Universitário Univates, como parte da exigência para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Dra Mariane Inês Ohlweiler

Revisão: Eloide Z. Delazeri e Fabíola Delazeri

Lajeado, dezembro de 2014

AGRADECIMENTOS

Trago aqui o carinho por todos aqueles que estiveram comigo durante o meu percurso de seis anos na Univates, nos quais tive dias felizes, dias de muitos estudos, leituras, de muita satisfação, e também de muita aprendizagem, de conhecimento.

Um carinho especial pela minha orientadora Mariane Inês Ohlweiler, que sempre encontrava um tempo disponível para me atender na sua agenda lotada, que com seu abraço apertado me passava segurança, que sempre me escutou com muita atenção durante nossas orientações. Uma pessoa com uma bagagem enorme de conhecimento com a qual, com certeza, aprendi muito. Aos que deram a oportunidade de estar em uma universidade, meus pais. Meu pai morando distante, sempre me ligava para saber se estava tudo bem, se precisava de alguma coisa; minha mãe, ah, quantas vezes pensei nela, pois sei que se estivesse aqui ainda hoje, também me daria muita força e com certeza estaria muito orgulhosa.

Meus irmãos, Márcio e Luciana, mesmo que estivesse cheia de trabalho, sábado sempre era o dia de nos encontrarmos, jamais deixava de vê-los; aos cunhados, aos sobrinhos Manuela, Bruno e ao meu amado afilhado Guilherme, que me faziam sorrir nos momentos tensos.

Não há palavras para descrever o quanto você Henrique, meu marido, meu amigo, que sempre me dizia: “Falta pouco.” Ajudou noites, finais de semana ficando em casa comigo, eu realizando trabalhos e você do meu lado. Desculpa a falta de

atenção, desculpa pelas noites abandonadas, mas obrigada por estar sempre me apoiando e me incentivando.

A minha doce Isadora, a qual veio para me fazer mais forte, me dar mais coragem, vontade de aprender, de conhecer, de tornar pequenos e simples momentos em únicos. Muitas vezes ficando na avó, dinda, escola, para eu poder fazer os trabalhos e sempre de bom humor. Obrigada pelos sorrisos, pelos beijos, pelos abraços, quando me sentia perdida na imensidão de trabalhos para realizar, te amo.

Dedico este momento também ao grupo das Joaninhas, Ana Luiza, Joice e Letícia, pois nossa amizade vale ouro, e juntas passamos momentos únicos durante a faculdade, momentos de estudos, de troca de aprendizagens, e também momentos felizes, de muitas risadas.

Como não falar de Letícia e Andriele, minhas comadres, que sempre arrumavam um tempo para ficar com minha filha, para que eu fizesse o TCC. A dinda Délyly que assumiu o compromisso de ficar com a Isadora, com apenas alguns meses de vida, durante um semestre aos sábados, para eu fazer uma disciplina. Dinda Lê e Dinda Délyly todo meu reconhecimento de amizade é pouco, obrigada por terem me incentivado e ajudado nesta caminhada. Como a Letícia sempre me falou: “Estamos juntas”.

A minha parceira de desabafos Rafaela, uma amizade que o trabalho e a universidade me proporcionaram, agradeço pelas risadas, nossa e foram muitas, pela troca de conhecimentos, pela cadeira de regime especial, enfim, obrigada por estar comigo.

O Grupo das Maravilhas, Tina, Aline, Michi, Dani, até que enfim, cheguei ao final, e vocês sempre comigo, sempre me esperavam para a janta, saía da aula cansada, mas sabia que iria ver vocês e isso me alegrava muito, amigas, confidentes, especiais, maravilhosas.

Também a Sirley e ao Roni (sogros) que sempre me quebravam um galho ficando com Isadora, para poder estudar, ler, pesquisar, meu eterno reconhecimento de carinho.

À professora Jacqueline Silva da Silva que aceitou ser minha avaliadora, muito obrigada, escolhida por sempre me transmitir o fazer diferente para as nossas crianças.

Agora um abraço e um sorriso especial para todos os alunos que tive durante esta caminhada, que a cada dia me surpreendiam e me faziam acreditar que dias melhores iriam chegar, me faziam esquecer os meus problemas, através dos seus sorrisos e abraços, vocês fizeram a diferença.

E claro, agradeço a Deus e a mim mesma por, a cada dia, encontrar forças para seguir em frente, passando pelos obstáculos, alegrias, mas sempre seguindo a diante.

Enfim, obrigado a todos que fizeram parte desta minha caminhada desde 2008, um forte abraço.

RESUMO

O presente trabalho tem como tema principal a autoridade e procura analisar como as relações atreladas a ela tem se constituído na contemporaneidade, voltando um pouco também às relações entre diferentes gerações. O referencial teórico abarcou diferentes materiais, para além de livros, foram consultados sites, reportagens em jornais e revistas. Os principais teóricos utilizados foram: Hannah Arendt, a qual faz um estudo teórico aprofundado sobre o tema, mais voltado ao processo histórico e à área de Filosofia e Tânia Zagury, a qual trabalha as relações de autoridade de forma mais propositiva no campo da Psicologia. Esta monografia tem como problema, Autoridade: Diante de tantas transformações nas práticas educacionais contemporâneas, como vem sendo dado este conceito no espaço familiar? Para a coleta de dados utilizou-se pesquisa qualitativa com o uso dos instrumentos: entrevista semiestruturada com pais (casais de três diferentes famílias) e grupos de crianças de 4 a 6 anos. Com os pais foram agendados encontros na casa das famílias. Para a realização das entrevistas com as crianças foram realizados momentos de intervenção em uma escola de Educação Infantil, para tanto utilizou-se histórias infantis que demonstram cenas da relação de autoridade e poder dos adultos sobre as crianças. Ainda é importante destacar que foram realizadas análises sobre o programa Supernanny, bem como sobre algumas reportagens que tratam do referido tema da pesquisa. Os dados analisados permitem inferir que muitas são as transformações quando se pensa neste tema, mas há muita preocupação também em saber, em conhecer o porquê destas mudanças.

Palavras-chave: Autoridade. Família. Criança. Gerações.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Charge sobre mídia.....	12
Figura 2 – Influência da mídia na família.....	13

SUMÁRIO

1 REFLETINDO SOBRE AS VIVÊNCIAS: FONTE DE INSPIRAÇÕES.....	8
2 A MÍDIA: ROUBANDO A CENA DE SER PAI E MÃE	11
3 FAMÍLIA E ESCOLA, COMO A AUTORIDADE SE MANIFESTA NESTES ÂMBITOS?	19
3.1 Autoridade na escola: problema ou solução?	19
3.2 Autoridade um conceito de muitas gerações	25
3.3 Quem “manda” mais, o pai ou a mãe?	28
4 METODOLOGIA	31
5 O MOMENTO MAIS ESPERADO	34
5.1 Família: O que está tão diferente?	35
5.2 Quando o assunto é autoridade, o que pensam as crianças?	41
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS.....	48
ANEXOS	51
ANEXO A – Dicas de Cris Polli.....	52
ANEXO B – Todas as reportagens utilizadas durante o trabalho:	54
APÊNDICES	67
APÊNDICE A – Entrevistas para o trabalho de campo	70

1 REFLETINDO SOBRE AS VIVÊNCIAS: FONTE DE INSPIRAÇÕES

Cena (1):

(...) O relógio bate 17h. É hora dos pais começarem a buscar seus filhos na Escola de Educação Infantil. A mãe chega à porta da sala de seu filho sorridente, e, em seguida chama-o e já se abaixa para receber seu forte abraço. No entanto, o menino ignora-a, apenas olha e continua a brincar. A mãe levanta e, tranquilamente, convida-o para ir para casa, dizendo que no dia seguinte ele volta para brincar, mas nada resolve. A criança faz gesto negativo com a cabeça e menciona: Eu não vou. A professora tenta ajudar a mãe, mas nada adianta e após muita insistência na fala, a mãe liga para o pai vir ajudá-la. Este por sua vez, chega à porta da sala, o menino só olha-o, pega a mochila e se despede da professora. No outro dia, mãe e pai foram buscá-lo.

Cena (2):

(...) 6h30 da manhã, os termômetros marcam 26º, a mãe chega à porta da sala e fala: Profe, ela [filha] quis colocar esta calça de lã, e casaco, para não brigar cedo com ela, deixei. Depois, se você conseguir, faz ela trocar a roupa.

Estas são apenas algumas cenas que se repetem no cotidiano do ambiente escolar infantil, e são muitas situações como estas que me provocam, me inquietam, e me levam a refletir sobre onde está a autoridade, o Sim e o Não dos pais. E o que mais me instiga é que muitas crianças vão conhecer estes aspectos na escola, com seus educadores.

Vivemos num período em que muitas crianças conseguem manipular seus pais, seus responsáveis, enfim, a maioria da família, através de choros e birras para fazer valer suas vontades; seja para o brinquedo de última geração, a compra de *fast-foods*, a escolha de um tênis, de uma roupa, de um filme ou de um desenho

animado a ser assistido. São “vontades” que muitas vezes vêm acompanhadas do “EU QUERO AGORA”, um desejo que se “impõe” verbalmente e prevalece sobre o depois e as possibilidades de negociação por parte dos pais, e principalmente sobre as explicações do porquê não pode ser naquele determinado momento.

Entre reportagens, relatos e desabafos atuais, emerge a figura paterna e materna que está tendo dificuldade em se posicionar no papel de autoridade. Pais que em determinados momentos estão deixando este aspecto para os “outros”. Se pensarmos nos espaços de socialização das crianças, o professor é muitas vezes um destes “outros” possíveis e de quem também se espera algumas soluções.

Lembro-me da minha infância, onde alguns assuntos eram tratados como tabus, mas o “sim” e “não” eram compreendidos claramente, era só o pai ou a mãe lançar o olhar e já sabíamos o que era para fazer, sem necessitar ameaçar, ou mencionar: - Vou falar com o Papai Noel, que você não obedece.

O que fez a educação mudar tanto, pensando na relação entre pais e filhos? Os pais estão muito liberais, ou os filhos estão muito avançados? Autoridade: podemos dizer que ainda há? Sociedade, por que tanta importância ao que os outros vão pensar quando educo meu filho? Há uma receita para dar limites às crianças?

Temos que admitir que estamos em constantes mudanças, seja no campo da educação, quanto na sociedade, e esta por sua vez influencia muito no dia a dia da família. Assim temos outra geração, uma geração tecnológica, à qual a mídia impõe alguns desejos e inclusive ensina modos de ser pai e mãe, filho e filha, dificultando, então, a afirmação da autoridade.

São algumas destas mudanças contemporâneas que me instigam e a partir delas que me inquieto com o termo autoridade, principalmente no espaço familiar, de como pais e ou responsáveis estão lidando com este aspecto, com estas crianças da geração da era digital.

Partindo disto, o tema da pesquisa é: Autoridade: Diante de tantas transformações nas práticas educacionais contemporâneas, procurei analisar como as relações atreladas à autoridade tem se constituído na contemporaneidade,

voltando um pouco também às relações entre diferentes gerações. E através de leituras de diferentes materiais (para além de referencial teórico, reportagens de jornais e revistas) busquei compreender os meandros das relações de autoridade contemporâneas, não a partir de respostas conclusivas, tampouco certezas, mas na interlocução com problemáticas atuais. Para tanto, me utilizei de entrevistas semiestruturadas com crianças e pais, para verificar como vem se dando as relações de autoridade e também relacionar um pouco com o tempo das gerações antecedentes, ou seja, com seus pais e avós.

Através destas entrevistas, procurei entender como está se dando o conceito de autoridade dentro do espaço familiar, bem como, saber se os pais, responsáveis, entendem a diferença de autoridade, autoritarismo e poder. Procurei também perceber como estão se configurando as relações mútuas de respeito, tendo em conta que cada família possui um dia a dia muito agitado.

2 A MÍDIA: ROUBANDO A CENA DE SER PAI E MÃE

Cena (3):

A criança chega a Escola às 6h30min, quando chega à porta está quase dormindo, cansada, ao se despedir da mãe chora, reclama. Então a mãe relata que antes da Novela Chiquititas, a criança não vai dormir, que primeiro tem que acabar a novela, aí então ela vai para a cama, e agora pela manhã não quer acordar, levantar.

Cena (4):

Em uma roda de conversa entre professora e alunos, estão a comentar sobre quem tem TV no quarto, então uma menina menciona: Minha mãe tirou a TV do quarto dela e colocou no meu, e o DVD também, aí eu fico lá assistindo quando chego da escola.

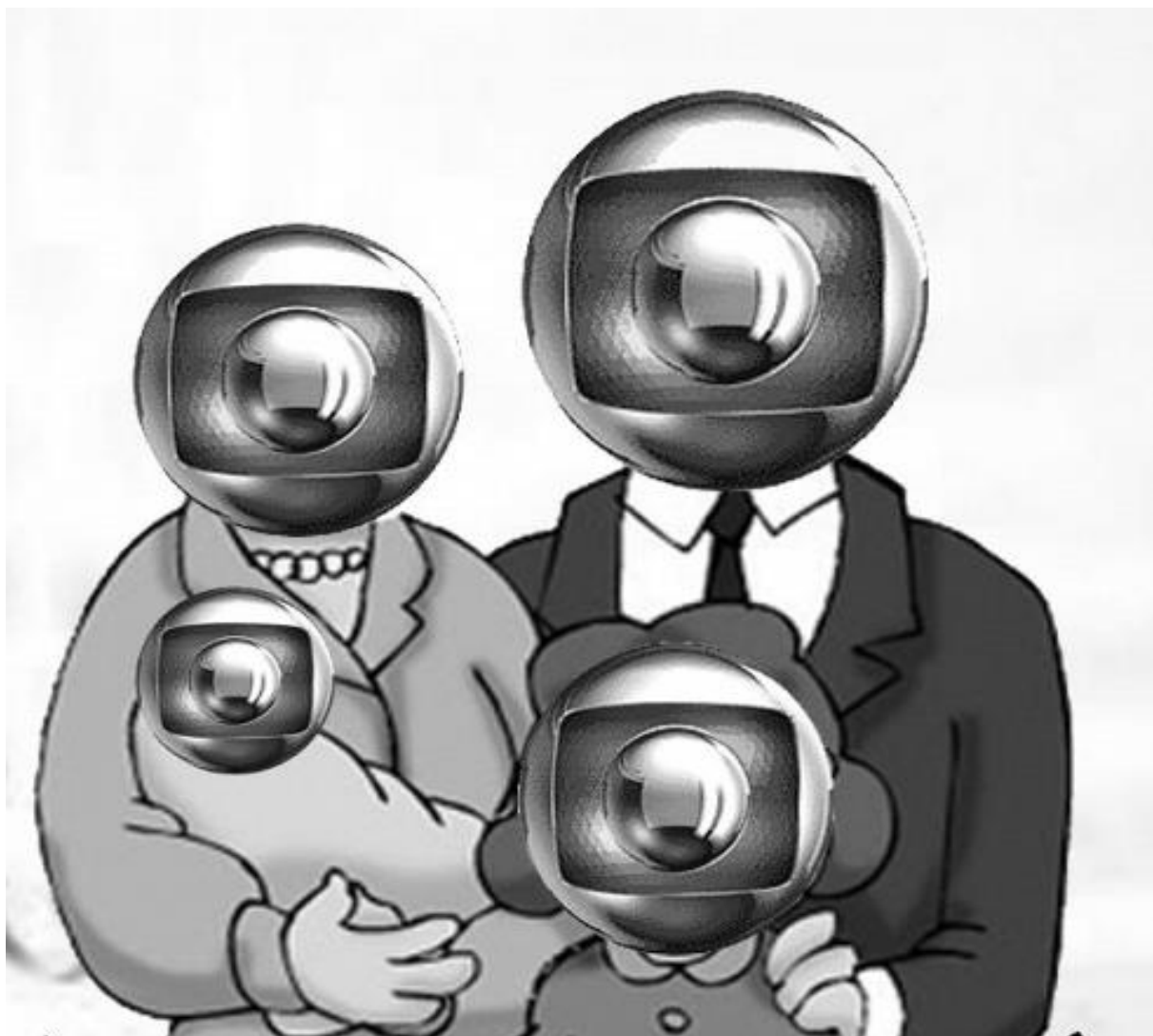
Parto das cenas descritas acima relacionadas à televisão para pensar nas imagens abaixo, onde é possível observar que as duas procuram retratar cenas das relações entre população e mídia, família e Rede Globo. Em certa medida, é a mídia fazendo uma sátira da própria mídia, nesse caso, da TV, destacando a presença dela em nosso cotidiano, “entrando” nas casas desde muito cedo.

Figura 1 – Charge sobre mídia.



Fonte: Bola e arte (texto digital, 2012).

Figura 2 – Influência da mídia na família.



Fonte: Terror do Nordeste (texto digital, 2010).

Sabemos que cada vez mais a tecnologia está se desenvolvendo, e ressalto a importância da mídia, pois é através dela que estamos “ligados” ao mundo, e dentre tantos que julgam este avanço, é necessário pensarmos também nos seus benefícios, principalmente para as crianças, porém, se não utilizada em excesso. De acordo com Campos e Souza (2003, p.14, texto digital):

A mídia invade nosso cotidiano. A criança e o adolescente de hoje não conheceram o mundo de outra maneira - nasceram imersas no mundo com telefone, fax, computadores, televisão, etc. TVs ligadas a maior parte do tempo, assistidas por qualquer faixa etária, acabam por assumir um papel significativo na construção de valores culturais. A cultura do consumo molda o campo social, construindo, desde muito cedo, a experiência da criança e do adolescente que vai se consolidando em atitudes centradas no consumo.

Sendo a televisão e o computador os artefatos com os quais as crianças possuem mais contato, cabe aos pais ou responsáveis fazer o uso moderadamente. No caso da TV, por exemplo, controlar o tempo para o seu uso, estipular horários; e em relação ao computador, procurar monitorar os jogos e sites que são acessados. Mas será que isso acontece? Será que a TV não está sendo trocada pelas brincadeiras, ou pelo diálogo com a família? Os pais ou responsáveis conseguem delimitar um horário para a utilização destes equipamentos? As propagandas assistidas pelas crianças representam os mesmos desejos no momento das compras e escolhas de consumo? Muitas são as interrogações ao pensarmos sobre a influência da mídia no dia a dia das crianças, e em certa medida, inclusive dos adultos. Conforme, Campos e Souza (2003, p. 20, texto digital):

Um outro aspecto importante é que a mídia apresenta um lugar de destaque na fala de pais, professores e adolescentes. Entretanto, mesmo criticando seu papel na formação de valores, é frequente os adultos estabelecerem castigos ou punições que envolvem a proibição de assistir TV, conferindo, com essa atitude, uma supervalorização a esse veículo de entretenimento. Em suma, embora os adultos, os jovens e as crianças tenham consciência de que somos profundamente marcados pela cultura do consumo, pais e professores acabam utilizando os bens de consumo como um meio para valorizar ou punir comportamentos desejados ou não desejados nas crianças e nos adolescentes. Certamente essa atitude acaba por reforçar aqueles mesmos comportamentos criticados por eles. Desse modo, a manipulação veiculada pela mídia e pela cultura do consumo é sustentada nas relações intersubjetivas no âmbito da família.

A reflexão dos autores remete às estratégias de proibição apresentadas pela própria televisão. Destaco em especial um programa que já há alguns anos tem influenciado a educação das crianças, o Programa Supper Nanny do SBT que procura ensinar pais a serem bons pais e filhos a serem educados, em apenas algumas visitas à família que “procura auxílio” junto à equipe do programa.

Concordo com Cris Polli, psicopedagoga – a Supper Nanny –, ao mencionar em seus programas que todas as crianças precisam de regras claras, limites e rotina. Mas, ao pensar na relação familiar questiono: será que é chamando alguma pessoa que não tem intimidade com a família que se resolverá o problema de imposição de limites e de regras para meu filho? Será que quando ela (a Super Nanny) for embora, meu filho irá continuar comportado? E, principalmente, a minha autoridade sob meu filho vai mudar?

Para além do programa televisivo, Supper Nanny possui um site, o qual indica situações específicas e explica como os pais devem proceder em cada momento com seu filho, dando a receita pronta. Não me deterei aqui nas recomendações de Polli (2013)¹ (ANEXO A), mas as considero potentes para pensar o que, em situações domésticas, faz com que o “não” paterno e materno apresente-se como claro e necessário.

É de se admitir que se o programa ainda está sendo reproduzido, é porque tem muita audiência, esta feita por nós, pais e professores, pois muitos dos problemas que aparecem no programa existem em nossa casa, no nosso dia a dia. Por isso ficamos tão iludidos com as dicas, formas de educar e acabamos tentando, de alguma forma, acatar algumas delas. De acordo com Kohn (2013, s/n texto digital):

A superficialidade da Super Nanny não é acidental; é ideológica. Esses shows estão vendendo o “behaviorismo” ou “teoria comportamental”. O ponto principal não é criar um filho; é reforçar ou extinguir comportamentos – o que é suficiente para aqueles que, como B. F. Skinner e seus seguidores, acreditam que não passamos de uma série de comportamentos.

O programa remete muito à expressão “corpo dócil” de Michel Foucault, de uma sociedade que quer domesticar os corpos, moldando-os conforme pensa a apresentadora, impondo a ideia de família feliz. Conforme Costa e Paniago (2009, p. 7, texto digital):

A mídia hoje produz verdades (vontades de verdade), esta a serviço do poder, dispõe de técnicas para governar o sujeito, para guiá-lo pelos seus caminhos. Super Nanny produz um tipo bem determinado de sujeito, que obedece a normas, regras, seguindo a vontade de verdade desta época. Age não apenas no corpo dos indivíduos, mas em suas almas, em suas condutas mais íntimas, pois coloca o próprio sujeito para se governar, se vigiar.

Com a utilização seja do programa Super Nanny, ou de livros de auto-ajuda, cada vez mais, a família e/ ou responsáveis, estão passando adiante a sua autoridade, por isso, cabe questionar: é por que a perderam durante a criação de seus filhos? Ou será que ela nem existiu em outros tempos?

¹ Anexo das recomendações abordadas no Programa Supper Nanny descritas por Polli 2013.

Conforme consta na reportagem² (ANEXO B) intitulada “Por que é tão difícil colocar limites no seu filho” publicada em 12 de Março de 2013 no Jornal Folha de São Paulo, os pais devem ter clareza das regras a partir de diálogos com seus filhos. Segundo a pedagoga Friedmann (2013):

Há uma “adulterização” precoce e, ao mesmo tempo, um prolongamento da infância, não dá para culpar só os pais. Todos são vítimas da tendência sociocultural. As crianças estão expostas a um grande número de estímulos e influências da mídia (s/n).

Acredita-se que atualmente se quer sempre ficar atualizado, para estar no padrão da sociedade, que em parte, é reforçado pela mídia. Nesta mesma reportagem, a psicanalista Neder (2013, s/n), descreve que “(...) os pais se sentem obrigados a mimar os filhos e há muita exigência em torno de um ideal de mãe perfeita. Fica difícil dizer “não” em uma sociedade que trata a criança como um Deus”

Diante disto, confesso que concordo em parte com esta afirmação, pois para mim não é tão difícil dizer Não, o mais difícil é dizer Não repetidamente. E com minha filha jamais pensei em passar o ideal de mãe perfeita, evitando os não e aceitando prontamente as vontades dela. Se ela faz uma cena de birra, se joga no chão, por exemplo, eu continuo sendo firme, mas reconheço que nem sempre funciona a conversa.

Ainda na mesma reportagem referida acima, é apresentado um encarte intitulado “Desperte a SUPER NANNY que existe em você” onde são relatadas seis cenas do cotidiano da família: * Horários: estabelecer rotina, fazer a criança ter horário. * Birra: ignorar e depois que a criança estiver mais calma, levá-la a um lugar para conversar. * Recompensa: presentear a criança com carinho, elogios. * Escolhas: deixar seu filho ajudar nas escolhas, não decidir. * Exemplo: pais devem dar o exemplo. * Sono: ritual para dormir, deixar o banho para a noite, antes de dormir. Penso que são boas dicas, mas e se não funciona com minha filha, devo ir até o *Google* e pedir ajuda? Levá-la ao psicólogo? Ou tentar através da conversa, do diálogo, da explicação, manter um relacionamento melhor?

² Anexo B consta as reportagens analisadas durante a pesquisa.

Em uma segunda reportagem do Jornal Folha de São Paulo, “A família está sob o governo das crianças, afirma pesquisadora”, de Juliana Vines de 12 de março de 2013, o principal foco é um menino de dois anos e oito meses, que como sua mãe mesmo afirma: “Ele manda em mim, no pai e na irmã de 11 anos”. A mãe ressalta ainda, que não entende por que ele manda, pois, a família sai quando ele quer, assiste aos programas que ele gosta e ainda mais: ele decidiu que não dorme mais na cama dele, só na dos pais.

Diante destes apontamentos, Marci Neder, pesquisadora do Núcleo de Pesquisa de Psicanálise e Educação da USP, comenta: “Estamos no ápice da tirania infantil. Muito se fala sobre declínio de poder paterno e ascensão do materno. Discordo, quem ganhou poder nas últimas décadas foram os filhos”, e ainda acrescenta: “A criança foi a grande vitoriosa do século 20. O adulto é um satélite em volta da criança”. Concordo com a pesquisadora, mas estando no dia a dia com crianças, é importante ressaltar que realmente algumas tentam mandar nos pais, mas não conseguem. Já para outras crianças, às vezes dá certo o momento de birra, ganhando o que querem.

Na esteira de outras reportagens, destaco uma do jornal Zero Hora de 18 de julho de 2010 de Juliana Bublitz, que tem como título: “Geração N: é preciso aprender a dizer NÃO às crianças”. O principal tema desta reportagem é a necessidade de que os pais têm que aprender a dizer “não”, e que hoje no século XXI estes vivem dias incertos, e que esta dificuldade de dizer NÃO é tanta que já há alerta para um futuro sem expectativas. De acordo com Rob Asghar, escritor, articulista e ensaísta da Universidade do Sul da Califórnia, trata-se da “geração N - ou Narcisista. Uma linhagem marcada pela total falta de limites e por um senso de merecimento do comum. Quase doentio”. Ainda na mesma reportagem, o Psiquiatra da Associação de Psiquiatria do Rio Grande do Sul, Renato Piltcher afirma: “o pior erro que uma mãe ou um pai podem cometer é projetar no filho o ideal de uma vida sem frustração”. Acredito que este é um aspecto fundamental na vida de uma criança, desde cedo, entender que na vida, no dia a dia, não é tudo fácil, é preciso batalhar para conseguir o que se quer, e que poderão receber muitos “nãos” durante a vida adulta.

Inúmeras são as reportagens, poderia exemplificar com diversas outras que encontrei sobre este tema. Ressalto ainda mais uma que chamou minha atenção e que vem ao encontro da minha prática, também publicada pelo jornal Zero Hora, no dia 13 de Novembro de 2007, a qual tem o título: “Efeito Homer Simpson mostra queda na autoridade dos pais”. Apesar de ser uma reportagem baseada em uma pesquisa realizada na Itália, tem muito a ver com nossa realidade. Os dados apontaram que 23% dos jovens preferem pedir conselhos aos professores; os pais aparecem em quarto lugar, ou seja, cada vez menos os eles estão tendo contato com seus filhos, parecem estar dialogando cada vez menos sobre as escolhas deles.

Diante destas reportagens descritas acima e uma breve análise do conteúdo delas, percebe-se a intervenção de psicanalistas e psicólogos, ao mesmo tempo. Muitos pais solicitam ajuda, principalmente, aqueles que já perderam o controle ou a autoridade diante de seus filhos, seja por querer suprir a distância, ou até mesmo para não contrariá-los.

3 FAMÍLIA E ESCOLA, COMO A AUTORIDADE SE MANIFESTA NESTES ÂMBITOS?

Até onde a família pode interferir na escola, e vice-versa? Muitas pesquisas, muitos discursos, de que uma deve estar relacionada com a outra, mas afinal qual é o papel de cada uma, quando o assunto é autoridade? Será que uma respeita o espaço da outra, ou lança a culpa dos problemas familiares para os escolares e vice e versa?

3.1 Autoridade na escola: problema ou solução?

Cena (5):

A mãe chega com seu filho para entregá-lo à professora, e logo menciona: “Profe, ele não quis lavar a boca em casa, comeu e não quis limpar as mãos, manda ele lá se lavar, porque ele não me escutou em casa”. Assim, que a mãe foi embora, eu apenas disse para meu aluno: “vai ao banheiro, e realiza a higiene necessária”. E assim ele fez.

Cena (6):

A mãe chega à porta da sala de aula, e logo comenta: “Profe, ele não quer tomar remédio em casa, posso mandar para você dar o remédio para ele”? Apenas balanço a cabeça em sinal de sim.

A escola é uma instituição, não se pode negar, até hoje valorizada e respeitada por muitas famílias. E é nesta instituição que pais apostam em uma educação melhor, e acreditam que pode transformar seus filhos. Para aprofundar as discussões realizadas até aqui, é importante entender primeiramente o que é autoridade, de acordo com Arendt (2007, p. 129):

[...] a autoridade sempre exige obediência, ela é comumente confundida como alguma forma de poder ou violência. Contudo, a autoridade exclui a utilização de meios externos de coerção; onde a força é usada, a autoridade em si mesma fracassou. A autoridade por outro lado, é incompatível com a persuasão, a qual pressupõe igualdade e opera mediante um processo de argumentação.

Refletindo sobre a citação acima, a autora traz claramente que autoridade tem relação com o ato de obedecer, mas não com a violência. Ela destaca que o processo de argumentação, ou seja, um processo de convencimento invalida a autoridade. Hannah Arendt é uma teórica política alemã que traz muitas reflexões acerca do que foi e do que é autoridade ou o que ainda pode ser nomeado como autoridade hoje.

Ainda, sobre o que é autoridade, Lebrun *apud* Coelho (2011, p. 64) afirma:

A autoridade [...] é antes o registro simbólico, à medida que ela se ancora no reconhecimento de uma diferença de lugares. Possui autoridade aquele a quem se reconhece que a partir do lugar que ele ocupa, o que diz não tem o mesmo valor que o que dizem aqueles que não ocupam este lugar. Uma diferença de estatuto de fala é assim suposta, ao mesmo tempo em que reconhecida simbolicamente.

É importante destacar o conceito de autoridade, para que não se confunda com imposição e mero controle, pois, a escola foi e ainda é considerada por muitos uma instituição responsável por capacitar os cidadãos, controlar seus alunos, e discipliná-los. Porém, cabe perguntar: de que forma? De modo que se constrói uma relação de respeito sem a imposição do medo, mostrando uma relação de autoridade com a(s) turma(s) de alunos pelas(s) qual(s) é responsável?

Cabe ressaltar que não se pode afirmar que regras, controle e poder não são necessários para o funcionamento de uma instituição, seja a escola, a sociedade, ou ainda, a própria casa. Furlani (1988, p. 18) descreve:

O poder não é, portanto, algo estranho ao corpo social, nem algo que se opõe sempre ao indivíduo. Este é o nome atribuído ao conjunto de relações que funcionam na espessura do corpo social. Por isso, o poder não é uma função qualquer na sociedade. A expressão *Dominus originarius*, já utilizada por Kant, referia-se ao poder como aquilo que *cria* os cidadãos, menos do que os *domina*.

Para complementar, descreve-se conforme Zagury (1997, p. 68) sobre a posse de poder:

Ter poder não significa obrigatoriamente, como pensam alguns, ser antidemocrático. Os pais podem conversar, esclarecer dúvidas, debater questões as mais diversas com seus filhos, até deixar que tomem as decisões que acreditem já possam ser tomadas pelos filhos, sozinhos. Por outro lado, aquilo que sentem ainda não poder ser deixado a critério da criança, será decidido pelos pais. O que não exclui a possibilidade de se conversar com elas para que se esclareça porque foram tomadas determinadas decisões, como proibir que assistam, por exemplo, a um determinado filme no cinema ou na televisão.

O exercício do poder paterno é, de fato, um exercício constante. Como mãe e professora, muitas vezes me questiono sobre este aspecto. Compreendo que há diferenças entre as relações de autoridade que se estabelecem na relação entre pais e filhos e entre professores e alunos. Assim como observo cenas em meu ambiente profissional das quais discordo, por exemplo, de atitudes adotadas pelos pais dos meus alunos. É provável que, em muitos momentos, minhas atitudes como mãe também sejam reprovadas pela sociedade num sentido mais amplo, e claro, por educadores, pensadores, psicólogos, psicopedagogos e demais profissionais que versam sobre as formas ou atitudes “mais corretas” de educar, de “ser mãe”. E cabe a ressalva de que são tantas as possibilidades e “indicações” que, mesmo estando neste ramo da Pedagogia, não sei se minhas atitudes são as mais adequadas.

No que se refere ao termo atitudes, é importante ressaltar que é neste mundo contemporâneo que estas atitudes são questionadas, sendo assim, mais debatidas, o que também provoca a procura indeterminada pela forma de como agir com os filhos e os alunos. Também me vejo constantemente nesta procura, seja através de novas leituras e novas aprendizagens sobre o que está me afligindo em determinado momento, seja no pessoal ou no profissional.

Porém, no tempo de meus pais e avós, não havia questionamentos sobre as práticas educacionais, era “isto” e ponto final. Ou seja, os pais adotavam um modo de educar e não havia motivos para questionar as suas atitudes e posturas na relação entre pais e filhos. Os questionamentos não eram colocados em ambos os espaços: público e privado. O que não quer dizer que não houvesse problemas de ordem educacional nas relações familiares.

Neste sentido, sobre o poder dos pais, aspecto atrelado à autoridade e explorado por Zagury (1997, p. 67) que ressalta:

Autoridade relaciona-se com o fenômeno do poder. É inegável que, na família, o pai e a mãe ocupam uma função que por si só lhes dá poder. E eles DEVEM TER PODER porque a criança, como ser em formação, ainda não possui determinados conhecimentos e capacidades que a habilitem a gerir sozinha sua vida. Cabe aos pais a função de desenvolver-lhe essa capacidade e esses conhecimentos. [...] para bem desempenhar esse papel, os pais precisam ter autoridade em relação aos filhos, ou seja, *devem ter poder*. Refiro-me ao poder decisório, do qual depende inclusive a segurança dos filhos. Quanto menor a criança, maior tem que ser o poder dos pais sobre ela. [...] (grifos da autora).

Enquanto mãe, culpo-me às vezes, por ser tão rigorosa, pois, quando é “Não” é realmente “Não”, ou seja, procuro manter a minha decisão. Por exemplo, desde bebê minha filha, senta na sua cadeirinha no banco de trás do carro. Quando a colocamos, muitas vezes, reclama, resmunga, chora, já andamos quilômetros com ela chorando, mas nem por isso, sentei atrás com ela, ou sequer peguei-a no colo. Vejo-me com grande liberdade para alertar dindas, avós e demais pessoas próximas do que elas podem ou não dar para ela. E é interessante, porque percebo esta relação da “mãe como aquela que define e decide sobre a melhor alimentação da filha” também construída, já que elas me perguntam sobre o que ela pode comer ou beber.

Aproveito para relatar outro aspecto curioso: minha filha vai à mesma escola onde eu e duas dindas dela trabalhamos. Eu combinei com elas que minha filha pode ir vê-las na sala, no pátio, dar um beijo e voltar para brincar. Neste ponto não me arrependo, pois se ela me vê, também acena, dá um “oi” e logo volta a brincar, tudo funciona sob combinados.

Nos momentos de brincadeiras, entre eu e minha filha, procuro brincar, divertimo-nos muito, mas quando é para falar sério, é sério. Entre eu e meu marido temos uma combinação, quando um está dialogando, xingando ou explicando, o outro não intervém. Às vezes, penso que sou muito exigente com ela, mas quando digo apenas uma vez “não”, e ela já entende, penso que não estou errando. Zagury (1997, p. 48) descreve: “Mas queremos educar os nossos filhos. Não apenas agradá-los. Por isso é tão difícil ser pai. Porque temos que fazer o que é necessário, e não obrigatoriamente o que gostaríamos”.

Lembrei-me de um fato que ocorreu com minha filha, quando fui buscá-la na escola e a professora disse-me que ela estava teimosa, jogando-se no chão, e chamando a mamãe, pensei e agora, com 1 ano e 5 meses, o que vou fazer? Não

deixá-la brincar? Não deixar ir à casa dos primos? Conversei com meu marido e combinamos que naquela semana, ele não sairia à noite com ela, e sim ficaria em casa dando atenção, brincando, pois como tenho uma jornada de trabalho e estudo intensa, estou pouco tempo com minha filha durante a semana. Penso que de certa forma esta decisão deu certo, ela melhorou. Conforme Zagury (1997, p. 47):

Mesmo tendo opiniões diversas, o importante é que os pais estejam atentos aos seus OBJETIVOS. Não é o bem-estar dos nossos filhos que está em jogo? POR ISSO, TEMOS, PRECISAMOS, NECESSITAMOS chegar a um acordo (grifos da autora).

Se até o momento me detive sobre relatos de situações familiares, gostaria de fazer um contraponto em relação a minha prática docente, pois a considero tão importante quanto a minha autoridade familiar. Sendo assim, é necessário levar em consideração que tenho regras dentro de uma instituição, bem como a realidade de conviver com as famílias dos meus alunos, o que faz com que a autoridade seja diferente da autoridade que assumo no lar.

Partindo para outra realidade, a de professora, reconheço que o compromisso é grande. Os pais possuem ou ao menos desejam estabelecer uma relação de confiança e respeito, e acreditam que posso educar seus filhos, ensiná-los, depositando assim grande credibilidade em mim. E eu, o que espero dos meus alunos, em relação à educação? O que espero dos pais? O compromisso de educar, respeitar, ensinar é da professora? E em relação à autoridade dentro da sala de aula, será que possuo? Será que consigo construir uma relação em que os meus alunos me legitimem como figura de autoridade?

Penso que a autoridade enquanto professora funciona muito bem através de conversas, ou seja, a ferramenta fundamental para que prevaleça a autoridade é o diálogo. Este ano, porém, tive a experiência de ter uma aluna surda, e infelizmente não posso utilizar o método do diálogo com ela, e confesso que para mim, que possuo poucos conhecimentos de Libras, é muito difícil estabelecer uma relação estável de convívio. Em casa os pais procuram atender a quase todas as vontades da filha, como a mãe mesmo mencionou: “Para não brigar, profe, deixei ela trazer o brinquedo”. Este é um exemplo de uma situação em que me vejo em conflito, não é dia do brinquedo e eu, como professora, tenho que explicar, que apenas na segunda-feira é dia do brinquedo, pois os outros 17 colegas também gostariam de

trazer, mas o nosso combinado é apenas um dia na semana com brinquedo de casa.

Diante desta cena acima, confesso que não é nada fácil. Pois quando contrariada, ela agride, bate, joga cadeiras, começa a correr pela sala. Mas nem por isso, deixo-a fazer o que quer. Muitas vezes, realizo uma combinação através de gestos, sinalizo para ela que ficará um pouco com seu brinquedo, e logo guardará e ela aceita. Outras vezes, ela não quer entrar na sala, então digo para a mãe, deixá-la sentada no banco do lado de fora da porta, que assim que ela quiser, ela vai entrar. E assim acontece, em seguida ela entra. Uma forma de ter uma boa relação com ela é solicitar a sua ajuda, seja para buscar uma água para mim ou para guardar agendas. Posso dizer que é desta forma que consigo estabelecer uma relação com ela.

Mas há que se considerar que com os demais alunos também há situações em que o diálogo em si não basta. São casos em que temos de recorrer a outras estratégias e formas de estabelecer vínculos para otimizar a relação.

Chamo atenção ainda para o fato de que embora hoje o diálogo esteja muito presente, em outros tempos, ele era substituído pelo olhar. Nossos pais e avós tinham o poder do olhar, para além dos gestos. Mas são muitos os autores que defendem a escuta e o diálogo como ferramenta base para estabelecer limites, e inclusive para a transmissão de afeto.

No meu local de trabalho, na minha sala de aula, tenho regras e combinados, realizados com as crianças e um aspecto bem relevante, é que quando um aluno não está cumprindo estas, se necessário, conversamos com os pais, sendo então fundamental o apoio destes. Ou seja, que na medida do possível, família e escola possam ter ou ao menos conversar sobre os seus princípios. Zagury (2006, p. 90) salienta:

É preciso rever – com urgência – a questão da autoridade e dos limites (aí compreendidos como a relação equilibrada entre direitos e deveres dos alunos) dentro do contexto família – escola, sem o que dificilmente poderemos alcançar o objetivo “qualidade na educação”. A instituição escola precisa reencontrar-se com seu papel de autoridade, sem que isso represente autoritarismo. O professor necessita ter o apoio e a sustentação da sociedade para concretizar uma ação socializadora.

Diante destas afirmações de Zagury (2006) questiono: Será que a escola já teve seu papel de autoridade garantido algum dia? Os adultos e a instituição escolar até podem ter tido um espaço legitimado de saber que lhe conferia certa aura. Mas ainda é importante considerar que a figura do professor não era somente respeitada por sua relação pelo saber, mas por ocupar a posição de adulto. Da mesma forma que pais, avós e vizinhos, bastava ser mais velho para que se estabelecesse um diferencial na relação. Havia uma relação hierárquica entre as gerações, pautada principalmente pela idade de cada uma. O que, destaco, não era a garantia de autoridade por parte das pessoas, mas, antes, de respeito – este, por sua vez, podia influenciar nas relações e auxiliar na legitimação de determinadas figuras como autoridade.

3.2 Autoridade um conceito de muitas gerações

Menciona-se tanto as mudanças, seja na educação, seja na vida, enfim, no mundo, que se pensa no que diz relação à família, ou melhor, em conceitos que perpassam a história da família – no sentido de grupo social – há que se considerar que estes também sofreram grandes mudanças, por exemplo: os costumes, ainda são praticados, passados de geração a geração? O respeito, valorização, reconhecimento que nossos avós e pais tinham pelas pessoas mais velhas, ou pelas pessoas que possuíam mais saber ainda existe? Questiono e já lanço a ressalva: De que adianta ficar se questionando sobre isso, pois será que se pode dizer que aquele tempo era melhor? Ou que naquele tempo havia respeito, e hoje não mais? Penso que questões como: De que forma se construía esta relação de respeito? Pode-se presumir que este respeito partia muitas vezes de imposições e até de medo por alguma repreensão, e não necessariamente por reconhecimento.

Volto a destacar aqui Arendt (2007), a qual nos faz refletir sobre a autoridade enquanto processo histórico, remetendo-nos à problemática do que ainda é passível de transmissão de geração para geração. A autora traz também o aspecto da crise, sendo que esta se caracterizaria como uma marca do nosso tempo, pois para Arendt há três preceitos fundamentais interligados entre si e que tem sofrido grandes mudanças: tradição, religião e autoridade.

E trazendo este aspecto da tradição com a autoridade, é importante destacar que as pessoas que exerciam esta, ou ainda, que exerciam o poder não são as mesmas de hoje, como se pode perceber em alguns trechos do trabalho. Conforme situa Arendt (2007), a religião também foi aos poucos perdendo seu lugar para o Estado, processo este de secularização, através do qual se começou a duvidar dos poderes religiosos. A sociedade começou a criticar, questionar, duvidar da verdade absoluta pregada pela Igreja. Entre outras mudanças, ao se pensar em figuras de autoridade, cabe questionar: quem detinha autoridade no passado, e quem possui atualmente?

Lembro-me do meu tempo de Escola, há 20 anos, quando estudava numa Escola Estadual de uma cidade pequena. Desde o primeiro dia de aula, meus pais já me falavam para escutar a professora, pois ela era uma referência de saber e conhecimento. Inclusive, muitas vezes na hora de realizar o tema, meus pais tinham certo receio de me ajudar, pois não sabiam se o que iam responder era realmente o que a professora queria saber. Havia um respeito, não medo da figura do professor, pois não tinha castigos mais severos na minha escola. Mas cabe destacar o quanto meus pais auxiliaram nesta relação, para que eu valorizasse a professora, ou seja, esta relação não se constitui somente por ela, mas teve um estímulo prévio em casa.

Tendo o professor este poder de autoridade, pensando ainda na minha vida escolar, hoje percebo que a figura do professor não é mais uma das – poderia se dizer – únicas detentoras de saber. É de se admitir, que os pais estão mais atualizados hoje, tendo acesso a muitas coisas, e sendo assim, instigam seus filhos, de modo que estes também questionam seus professores, e estes por sua vez, devem cada vez mais se atualizar e estar cientes de que nos dias de hoje o saber está disponível em variados meios.

Sabe-se que a escola, dita moderna, tradicional, de tempos atrás, na qual a disciplina e a ordem eram aspectos muito relevantes, o professor era o centro do saber, ou seja, o aluno não tinha espaço para expor sua opinião. Mas será que esta escola tradicional é de tempos atrás? Ou ainda temos algumas instituições nesta configuração? De acordo com Bauer (2010, p. 10, texto digital):

A autoridade do professor em tempos passados era construída pela tradição quando as crianças traziam de casa a imagem da escola como espaço de autoridade rigorosa onde descobririam um mundo cheio de novidades, mas deveriam respeitar sob pena de serem severamente castigados caso saíssem das normas. Hoje essa autoridade deve ser construída pelo próprio professor através de sua transparência e coerência de atitudes diante dos alunos e principalmente pela sua demonstração de afetividade.

Quando mencionada a relação afetiva, é importante salientar que nos tempos passados, não havia muito o contato entre professor e aluno. Hoje pode-se afirmar que esta relação melhorou bastante, por mais que o professor fique sentado à sua mesa, na frente dos alunos, ele estabeleceu uma relação mais afetiva com eles, o que não deixa de ser um efeito social, atualmente há maior liberdade de expressão de sentimento.

Pode-se destacar também, o surgimento da expressão “Crise na Educação”, com diversos discursos sobre os diferentes modos de educar. Pode-se afirmar que isto já começou a ocorrer no século XVIII, quando a escola moderna foi considerada defasada por não ser acessível a todos. Arendt (2007) afirma que se vive uma crise na educação, e que é importante refletir sobre o que foi autoridade e como ela se diferencia do conceito inicial, ou seja, do que foi entre os romanos (contexto em que foi cunhado o conceito pela primeira vez) com as relações contemporâneas.

O que muito se ressalta, e o que muito se valoriza, é a insistência em voltar ao passado, aos antepassados, buscando conceitos, de que naquele tempo era diferente e melhor. As comparações são muito pertinentes, mas devem ser consideradas nos mais variados aspectos. Conforme Bauer (2010, p. 15, texto digital):

Mas a sociedade está em constante transformação. As descobertas tecnológicas facilitaram a divulgação das informações, colocando as pessoas em contato com muitas ideias, que nem sempre estão em conformidade com as ideias dos pais e mães. Tantas mudanças parecem que deixaram os indivíduos desorientados, as famílias foram construindo, de formas diferentes, laços afetivos, inclusive mudando na sua formação, onde muitas crianças não têm mais o convívio com a figura do pai, mas do padrasto, do avô, do tio. O pai em muitas situações não é mais o modelo a ser seguido e está deixando lugar para que a mídia realize este papel de transmitir a forma de ser, de pensar e de agir.

A citação acima aborda muitas questões importantes, com as quais se convive diariamente: sociedade em transformação; famílias com diferentes

configurações e a mídia como transmissora do saber. Quanto à figura do pai, concordo com Bauer de que este não é mais o modelo de outrora. No subcapítulo seguinte me deterei sobre este assunto.

3.3 Quem “manda” mais, o pai ou a mãe?

Voltando um pouco ao termo família, temos que admitir que as configurações são variadas atualmente, não podemos afirmar que há um padrão de família, como se acreditava há anos atrás, em relação à “dita família nuclear”, ou seja, a composição de pai, mãe e dois filhos, formando a suposta família perfeita, ideal. Trazendo agora, estas diferentes estruturas familiares para com o termo autoridade, poder e como já citado, os ensinamentos, as práticas educacionais eram diferentes, se era melhor ou pior, isso não nos cabe julgar, embora esta tenha sido uma atitude comum quando o assunto é a educação atual em comparação com a educação em outros tempos.

Voltando um pouco no tempo, em um contexto em que o pai era o “chefe” da casa, todos os filhos tinham respeito perante ele. Mas a mãe, embora não fosse reconhecida como figura de poder, exercia um certo poder no âmbito privado. De acordo com Szymanski apud Carvalho (2002, p. 24), “com a autoridade masculina no topo [havia] consequentes relações entre desiguais. Aceitaram fixar o mundo externo como espaço masculino e a casa, no feminino”.

Pode-se afirmar então que a mãe era quem ficava com os filhos em casa, enquanto o pai buscava o sustento da família. Os filhos tinham mais respeito pela figura paterna, pois este não tinha muita tolerância, logo se utilizava da sua força para fazer prevalecer o seu poder, ou então do olhar. Mais tarde, então, as mulheres também vão para o mercado de trabalho, começam a ocupar seu lugar de reconhecimento e as tarefas domésticas também sofrem mudanças. A mulher passou a ocupar um espaço diferenciado na família.

Hoje, pode-se afirmar que a autoridade paterna teve um declínio em relação à materna, mas não totalmente, pois, ainda muitas crianças possuem mais obediência ao pai que à mãe. Eis um aspecto que diz respeito às diferentes dinâmicas

familiares. E é aí que surge um aspecto curioso a questionar: as crianças possuem medo ou respeito pela figura paterna? Respeitam por que o pai se impõe, ou por que o pai bate?

Cabistani (2008, p. 46) afirma que:

Houve de fato uma redução do papel do pai na família, e esse incorporou outras responsabilidades, porém são atividades de caráter mais lúdico. Os pais fazem atividades de lazer com as crianças e até compras, mas não lavam roupas, nem ajudam os filhos com a lição de casa. Isso significa que as tarefas de caráter mais privado continuam sendo realizadas pelas mães. Essas, são identificadas como mais próximas dos filhos, e além de abarcar novos papéis na vida familiar, detêm um certo poder de fazer valer as regras e princípios da casa.

O que percebo no meu dia a dia, tendo contato com os pais, é que a mãe é mais preocupada com o educar, com o comportamento de seu filho, e o pai aparece quando há problemas maiores de indisciplina, surgindo assim para amedrontar o filho, impor respeito do seu jeito, claro. Em compensação, trago um aspecto curioso, na reunião de pais da escola onde trabalho. Os pais (figura masculina) foram a maioria que vieram, havia poucas mães. Isto é um aspecto relevante, as mães estão colocando o pai no compromisso, no dever de ajudar, de se preocupar com os filhos.

Analisando o papel da mãe enquanto autoridade, Romanelli (2002, p. 84), destaca:

Já na utilização da autoridade [...] a mãe age como mediadora e representante do pai, ocupado com outras atribuições. Mas, na realidade, é na vivência doméstica que marido e esposa paulatinamente selecionam, organizam e constroem um repertório de regras, preceitos e orientações comuns às aspirações de ambos e que são aplicados, em especial pela mãe, na socialização dos filhos. [...] a mãe não pode ser considerada como mera representante da vontade do pai, totalmente subordinada a sua autoridade e poder e, em nome do qual, exerce autoridade sobre os filhos.

A figura materna é descrita por ser mais preocupada, mais afetiva, por dialogar com paciência e passar mais tempo com seus filhos. Sendo assim, o pai deposita esta confiança a ela e acaba deixando os afazeres de educar, de se preocupar com a mãe. Apesar de o feminismo ter ganhado um grande espaço na sociedade e inclusive ter auxiliado na conquista de alguns direitos da mulher, muitos ainda acreditam que “cuidar dos filhos, é coisa da mulher”.

Cabe lembrar também o quanto as características de mãe como aquela que cuida também foram histórica e socialmente “construídas”. De acordo com Roudinesco (2003, p. 38), “a mulher deve acima de tudo ser mãe, a fim de que o corpo social esteja em condições de resistir a tirania de um gozo feminino capaz, pensa-se, de eliminar a diferença dos sexos”. Portanto, ao mesmo tempo em que a mulher apresenta o seu potencial enquanto feminino, deve fazer suas atribuições enquanto mãe, ou seja, “conter-se nesta função” de modo a não querer carregar tudo sozinha, igualando-se assim ao masculino.

Socialmente, portanto, é exatamente o papel de mãe que fará com que a mulher se “contenha” e não roube o espaço masculino de outrora, de um pai que – independentemente da forma como o seu exercício parental era exercido – era a representação do domínio sobre o feminino pelo fato de deter muitas funções sociais de caráter público.

Muitas são as áreas que abordam este assunto e o mesmo tende a se apresentar sob novas formas, conforme o enfoque que é dado. Mas para além dos estudos de referencial teórico, o confronto com as percepções atuais dos adultos e crianças entrevistadas durante a pesquisa de campo aproximou-me do problema de pesquisa, principalmente no sentido da concretude das práticas que envolvem relações de autoridade, de poder e de autoritarismo no âmbito familiar e escolar. No próximo capítulo trarei maiores detalhes sobre a metodologia adotada e as respectivas análises.

4 METODOLOGIA

Neste capítulo, é apresentada a metodologia utilizada durante a pesquisa, conforme já mencionado anteriormente, foram utilizadas entrevistas semiestruturadas³ (APÊNDICE C) com crianças e pais. Tendo em vista que a curiosidade em realizar este tipo de entrevista surgiu da minha parte, pois deste modo, pretendia inquietar-me com as respostas. Mas, antes de tudo, é importante refletir sobre o que se quer com as perguntas, ter clareza no momento de elaborá-las, e procurar não se posicionar frente às respostas. De acordo com Lakatos apud Boni e Quaresma (2005, p. 72, texto digital):

A preparação da entrevista é uma das etapas mais importantes da pesquisa que requer tempo e exige alguns cuidados, entre eles destacam-se: o planejamento da entrevista, que deve ter em vista o objetivo a ser alcançado; a escolha do entrevistado, que deve ser alguém que tenha familiaridade com o tema pesquisado; a oportunidade da entrevista, ou seja, a disponibilidade do entrevistado em fornecer a entrevista que deverá ser marcada com antecedência para que o pesquisador se assegure de que será recebido; as condições favoráveis que possam garantir ao entrevistado o segredo de suas confidências e de sua identidade e, por fim, a preparação específica que consiste em organizar o roteiro ou formulário com as questões importantes.

Sabendo que o público alvo foi de adultos e crianças, a expectativa era grande em relação ao que as crianças iriam falar. Para tanto procurei analisar se as respostas delas iam ao encontro ou não com o que os adultos relataram, pensando sempre que cada opinião deve ser respeitada, e que nenhuma resposta poderia ser induzida, pois se sabe que, principalmente, as crianças são muito espontâneas para falar. Segundo Egan apud Leite (2008, p. 128):

³ No anexo C encontram-se as perguntas realizadas com as famílias e com as crianças.

Crianças falam de modo muito peculiar. Elas usam uma linguagem de maneira diferente. Tem seu próprio vocabulário, suas próprias regras gramaticais e sua própria sintaxe. Adultos podem muitas vezes surpreender-se pela forma inovadora e profunda como as crianças lidam com a linguagem. A acepção errônea que adultos podem fazer é que não conhecer a forma correta da fala, signifique dizer que crianças não sabem falar, expressar suas ideias e seus sentimentos corretamente – o que é um engano. Crianças se utilizam da linguagem com muita consciência, competência e criatividade – principalmente a linguagem oral – [...]. São capazes, inclusive, de brincar com as palavras [...].

Foi com muita atenção, portanto, que procurei escutar as respostas das crianças, através de entrevistas semiestruturadas e da utilização de histórias infantis, que abordam ou remetem a questões de autoridade e poder. Na medida do possível, procurei instigar as crianças pelas entrelinhas, não diretamente, a relatarem fatos do seu cotidiano, suas experiências com os pais, e/ou responsáveis.

De acordo com Cruz (2008, p. 13):

Acreditar que mesmo crianças ainda bem pequenas têm o que dizer deriva de algumas ideias que vêm sendo construídas nas últimas décadas. Entre elas, tem destaque o reconhecimento de que, desde a mais tenra infância, nas suas interações sociais, as pessoas vão somando impressões, gostos, antipatias, desejos, medos etc., desenvolvendo sentimentos e percepções cada vez mais diversificados e definidos, atribuindo significados, construindo a sua identidade. Que significados, que sentimentos etc. têm as crianças sobre suas experiências, sobre elementos da sua cultura? Ainda se conhece muito pouco sobre isso.

Remeto-me aqui a palavra experiência citada acima, a qual norteou a minha pesquisa, tanto com as crianças quanto com os adultos. É importante ressaltar ainda, que durante este processo foi necessário um esforço para desapegar-me do papel de professora, para não deixar as crianças apreensivas em responder algo que a “professora” gostaria de escutar. Em pesquisas como esta, deve procurar-se assumir o papel de pesquisadora, levando-as a pensar, a falar sem medos, sem receios.

Boni e Quaresma (2005, p. 77, texto digital) afirmam que: “a entrevista deve proporcionar ao entrevistado, bem-estar para que ele possa falar sem constrangimento de sua vida e de seus problemas e quando isso ocorre surgem assuntos extraordinários.” Para tanto é necessário que ocorra uma interação entre entrevistador e entrevistado, para que a pesquisa seja mais espontânea.

Como foram realizadas algumas perguntas com crianças, descreverei brevemente o espaço, onde esta pesquisa foi efetuada. Trata-se de uma escola de Educação Infantil, situada em município do Vale do Taquari, interior do Estado do Rio Grande do Sul. Este município foi criado em vinte de março de 1992. Sua área é de 86,6 km² divididos em zona urbana e zona rural. Atualmente possui aproximadamente 6.000 habitantes, sendo eles de origem italiana e predominantemente alemã. Tem como principal economia a indústria, além do setor primário, do comércio e da agricultura.

Esta Escola Municipal de Educação Infantil atende crianças de 0 a 6 anos de idade, de segunda à sexta-feira, no horário de 6 horas e 30 minutos às 18 horas e 30 minutos, no período de fevereiro a dezembro, sendo o mês de janeiro destinado às férias coletivas. Destaca-se por ser a única escola de Educação Infantil da cidade. Aproximadamente, 270 crianças são atendidas na instituição, divididas em 16 turmas de turno integral, sendo elas: Nível A1, Nível A2, Nível B1, Nível B2, Nível C1, Nível C2, Nível C3, Nível D1, Nível D2, Nível E1, Nível E2, Nível E3, Nível F1 e Nível F2. E uma turma de um turno: Jardim nível A (manhã e tarde). Trago algumas das características para que o leitor possa vislumbrar o local no qual me inseri como pesquisadora e situar um pouco o espaço frequentado pelos partícipes da minha pesquisa.

Muitas foram as expectativas para a pesquisa de campo, principalmente para perceber como estão se constituindo as relações de autoridade no ambiente familiar, desde o tempo da infância dos entrevistados. No próximo capítulo serão apresentadas as análises dos dados obtidos, procurando retomar alguns dos conceitos e autores mencionados até então.

5 O MOMENTO MAIS ESPERADO

É desta forma que intitulo a minha pesquisa de campo, “o momento mais esperado”, o qual destaco por ser cheio de surpresas, angústias, aprendizagens, trocas de experiências e desabafo. Expectativa também traduz o que senti antes de ir para o encontro com cada família, e com o grupo de crianças. Como já mencionado no capítulo 1, realizei entrevistas semiestruturadas, com uso de gravador com três famílias e com um grupo formado por sete crianças.

Para realizar as entrevistas com a família, conversei pessoalmente com as mães, explicando qual era o intuito da entrevista, e enviei um termo de consentimento⁴ (ANEXO C) para cada casal. A escolha dos pais entrevistados deu-se pelas observações diárias das relações que estes têm com seus filhos, desde a relação pacífica a mais conflituosa. Diante de muitas expectativas, fui surpreendida a cada conversa, a cada resposta, e o mais difícil era ter que apenas escutar, ora falar algumas palavras, ora concordar, pois precisava deixar cada família à vontade, para que falassem o que pensavam, sem que eu necessitasse intervir.

O momento com as crianças foi bastante interessante, pois muitas vezes elas nos surpreendem com suas respostas inusitadas. Para esta entrevista, foram utilizadas duas histórias infantis, e o mais impressionante foram as revelações, inclusive os questionamentos levantados pelas crianças. Para a realização destas entrevistas, enviei termos de autorização⁵. (ANEXO D)

⁴ Ver anexo

⁵ Ver anexo

Então, observam-se, de um lado, os pais, de outro as crianças, como estão ocorrendo as relações de autoridade; como pais e filhos lidam com determinadas situações. Posso presumir que muitas perguntas fizeram emergir outras questões, e nem todos os entrevistados souberam me responder, mas só o fato de poder observar e escutar o que as famílias atualmente estão querendo para seus filhos, com seus filhos, já foi de grande aprendizagem.

Ressalto que as entrevistas ocorreram na casa das respectivas famílias, que disponibilizaram seu tempo ao sábado. Para melhor entender as falas das famílias, descrevo abaixo como escolhi nomeá-las e por quem são compostas.

*Família 1: pai (atua no setor administrativo de uma fábrica de calçados, 38 anos), mãe (professora), 2 filhos, um menino de 6 e outro de 13 anos.

*Família 2: pai (trabalha em um escritório contábil), mãe (cabeleireira), duas filhas, uma menina de 5 e outra de 15 anos.

*Família 3: pai (trabalha em um frigorífico), mãe (auxiliar de produção), uma filha de 5 anos⁶.

Destaco que embora os casais entrevistados sejam formados por homem e mulher, atualmente muitas são as configurações familiares, diferindo entre os sujeitos que as constituem. Diante desta composição familiar da pesquisa, as análises e o referencial teórico abordam as diferenças entre a figura feminina e masculina.

Dando continuidade e para sanar um pouco da curiosidade, apresentarei a seguir as entrevistas com os pais, momento muito especial e também de muita expectativa.

5.1 Família: O que está tão diferente?

Na verdade no passado os pais mandavam, uma questão mais de imposição. Hoje há uma divisão, o pai, ele é uma autoridade, digamos assim, mas ele não pode se impor, [...] a questão da autoridade por ser

⁶ Com deficiência auditiva descoberta aos 7 meses.

autoritário, por medo e autoridade por respeito tem essa diferença, só que eu penso assim, muitos pais não conseguem ver essa diferença, ou não conseguem transmitir ela (mãe - família 1).

Na família 1 pôde-se perceber durante a entrevista que tanto o pai quanto a mãe estavam convictos e certos no que estavam falando, e pelo que posso presenciar na relação com um dos filhos, penso que em certa medida eles procuram agir conforme as ideias que trouxeram. Entre os aspectos que mais chamaram a minha atenção, destaco a preservação dos valores, pois o pai da família 1 menciona muito que é importante e necessário, além de ser algo que ele aprendeu e que deve ser passado adiante, bem como a importância de impor limites, conforme trecho da entrevista que trago a seguir:

Uma pessoa que não sabe o que é limite, é uma pessoa que daqui a pouco tá falada, a daqui a pouco a fazer o que não é correto. A gente tem que preservar ainda os valores morais, coisas que hoje, infelizmente, muitos jovens, muitas crianças, não sabem mais o que é, infelizmente. Eles podem ter liberdade, mas dentro de um limite, mas quando passar da conta, é justamente a hora dos pais intervirem (pai – família 1).

Em um estudo mais aprofundado, caberia questionar quais são os valores morais da contemporaneidade; ou, ainda, o que defendemos por valores, os quais, segundo o entrevistado, muitos jovens e crianças não sabem mais o que é.

A família 2 também destaca que é necessário resgatar os valores e limites, vindo ao encontro do pensamento da família 1:

A gente tenta muito resgatar os valores. Os valores que eu falo são o respeito com pai e mãe, com os mais velhos, respeitar o próximo e também mostrar que não só TV, não só internet, não só celular, mas que tem outras brincadeiras, e impor os limites que a gente acha que é certo (mãe – família 2).

Percebemos na fala desta mãe a percepção dos valores que são considerados importantes para ela, associado a algo que precisa ser transmitido, ensinado. Ambas as famílias relataram que dialogam, explicam e tentam passar o que aprenderam. Porém, para estes pais, só futuramente será possível perceber se realmente o que estão fazendo, tem sentido para os filhos, seja pelo contexto pelo qual se encontram, seja pela forma como se constituem as relações entre pais e filhos. A frase: *O que eles conseguirem filtrar tá bom (pai – família 2)*, faz com que eu me questione se isso basta aos pais, ou seja o “filtro” que estes virão a realizar a partir dos ensinamentos parentais.

Ressalto a fala dos pais nas três famílias ao mencionar a mãe como sendo a mais firme, o que vem ao encontro do que referi anteriormente no subcapítulo “Quem “manda” mais o pai ou a mãe?”. A mãe aparece como referência de autoridade no caso destas famílias, uma vez que se destaca pelo reconhecimento dos maridos, ou seja, a figura masculina legitima a importância do papel feminino nas relações e decisões familiares. Não que o pai não possua autoridade, mas pelo fato de a mãe passar um período maior com os filhos, ela consegue mediar, dialogar com mais facilidade, já conhece melhor cada filho. Considero este dado muito interessante porque nas três entrevistas o pai logo admitiu ser a mãe, isso me aguçou mais ainda a curiosidade para saber a explicação disso, pois hoje em dia a mãe trabalha fora, faz o serviço da casa e ainda regra e disciplina seus filhos.

Família 1: pai: então aqui em casa a mãe é quem lida mais com essa questão das regras, da parte mais bruta da coisa, mais bruta no sentido que daqui a pouco eles acham que seja a situação pior.

Família 2: pai: ela sempre foi mais firme.

Família 3: pai: olhou para mãe e sorriu dizendo: mãe.

Um aspecto bastante curioso e importante das entrevistas é observar o olhar dos pais, as risadas, o silêncio, afinal são expressões que possibilitam interpretações, que me levam a deduzir o que eles podiam estar pensando. Muitas vezes, pareciam não estarem preparados para falar sobre tal assunto, ou ainda indecisos, como se não soubessem o que falar, ou como lidar com tal situação. Ao mesmo tempo, poderia caracterizar-se como uma insegurança diante da figura da pesquisadora, pois sabemos que por mais que desejamos, nosso papel não é neutro. E, no meu caso, os pais, encontravam-se diante de uma professora, ou seja, alguém que trabalha com educação.

Quando o assunto é educação, referindo-se a maneiras de como educar, as três famílias mencionaram que está diferente em relação à educação que tiveram, que hoje está difícil educar. As famílias 1 e 2 ressaltam que educar o filho mais novo foi bem diferente que o mais velho, os tempos mudaram, os tempos são outros, não que seja pior, mas diferente.

Eis então as angústias das três famílias, em relação ao educar neste “novo” mundo, onde de acordo com os pais, querem preservar os valores, querem educar seus filhos de acordo com a sociedade, mas ao mesmo tempo se sentem perdidos na hora de educar, e até de falar, e que hoje está tudo tão diferente. Como exemplo,

trago o comentário da mãe da família 2: *“a primeira filha foi criada dentro de uma caixinha de vidro e hoje ela é totalmente dependente”*. Ainda nas palavras desta mãe, a segunda filha criou-se mais sozinha, é super independente e mais ágil, dando a perceber que ela justifica a sua falta, explicando que a menina é independente, *“se vira sozinha”*.

Já na família 3, percebi uma certa dificuldade quanto à educação, pois os pais responderam *que é necessário falar mais de uma vez e ainda assim não adianta (mãe – família 3)*. É aí que entram as birras, testes, onde a criança faz de tudo para obter atenção dos que estão ao seu redor, para testar até onde vão os limites dos pais.

Em termos de opiniões diferentes na mesma família, quem apresentou isto foi o casal da família 1 nas questões referentes aos programas de TV, em especial o programa Super Nanny, sobre o qual a mãe destacou o seu interesse e afirmou que gosta de colocar em prática o que acha importante e o que lhe atrai, pensando o que funcionaria com seus filhos. Já o pai, acredita que estes programas são realizados com crianças que já chegaram ao limite. Ele discorda do uso da TV para pensar a maneira de educar os seus filhos e afirma: *“Eu, particularmente, estas fórmulas não sou fã. Eu acho que é mais tu pegar a tua experiência, o que tu viveu e tentar aplicar e corrigir dentro daquilo que tu sofreu, onde tu aprende com o erro e tentar mostrar para os filhos”*. Pude constatar a mesma opinião na fala do pai e da mãe da família 3, pois ambos concordam com algumas atitudes, acham interessante e até utilizam algumas dicas apresentadas no programa Supper Nanny.

Segundo a mãe da Família 1 além da TV, ela gosta de livros de autoajuda, como os de Augusto Cury, mas ressalta. *“Claro, não sigo fielmente porque não dá certo”*. Em contraponto, o pai destaca: *“eu acho que isso é muita mídia, aquela coisa de vender”*. Diante das respostas referentes à mídia, seja o Programa Supper Nanny ou os livros, retomo aqui o título do capítulo 2, “Roubando a cena de ser Pai e Mãe”, onde me questiono, será que no caso destas famílias, ela está roubando mesmo a cena? Ou está apenas sendo utilizada como uma referência? Como um suporte, para quando os pais não sabem mais como lidar com seus filhos, utilizando apenas dicas, conselhos?

De acordo com Lima (2009, s/n, texto digital):

Quando ouvimos falar que a mídia representa "o Quarto Poder" em uma nação, é preciso avaliar como isso é verdade e o quanto estamos sujeitos a ela e a todas as suas variáveis. A mídia influencia as pessoas no modo de agir, de pensar e até no modo de se vestir. Ela cria as demandas, orienta os costumes e hábitos da sociedade, além de definir estilos, bordões e discussões sociais. A mídia dita as regras, as tendências, os padrões de beleza, os ídolos a serem adorados e seguidos, impondo padrões de beleza cada vez mais inatingíveis.

Que a mídia nos influencia todos sabemos, seja de forma consciente ou ainda inconsciente, como Lima (2009, texto digital) afirma na passagem trazida acima. Ela nos orienta, dita as regras, até mesmo no que diz respeito à educação dos filhos. É preciso questionar em que medida a mídia influencia e em que medida a própria mídia procura trazer às telas temas que a sociedade deseja ver. Não se pode negar que existe um movimento recíproco, a permanência e sucesso de determinados programas também é legitimada e se dá através dos índices (geralmente altos) de audiência.

Ainda pensando no programa *Supper Nanny*, o pai da família 1 menciona: *“normalmente o que tu vê num programa deste tipo é uma criança que já ultrapassou todos os limites”*. E é neste ultrapassar os limites que entram as cenas de birras, onde as crianças choram, gritam, se jogam no chão para conseguirem o que querem. As três famílias afirmaram que primeiramente tentam a conversa. Se esta não funcionar, a família 1 relata que priva os filhos de algumas coisas: *“primeiro a gente tenta conversar, depende a situação, a gente não castiga, mas priva de algumas coisas, que a gente acha mais importante do que dar uma palmada, porque isso é uma coisa que hoje em dia violência gera violência, porque privando eles de alguma coisa que gostam, eu acho que eles sentem (mãe)”*.

Já na família 2, o pai diz ter mais paciência para conversar, a mãe tenta conversar primeiro, mas conta que adota o método da varinha: *“quando chega no extremo tira o que gosta, tira a TV e ponto. Em últimos casos também a gente põe no cantinho pra pensar mesmo e se não resolver mesmo, a varinha, uma puxada bem dada resolve assim que nossa, não espanca, não exagera”*. Acho válida a conversa, a privação das coisas que os filhos gostam, o sentar um pouco para pensar, mas também penso que quando tudo isso não resolve, é necessário adotar outro recurso. Porém, é necessário saber se depois que os pais já conversaram, já

privaram e já colocaram a criança para pensar, se a criança está testando ou se simplesmente a autoridade está inspirando medo ou confiança.

De acordo com La Taille (2014, p. 11):

(...) sentimentos que são inspirados pela figura de poder, de um lado, e pela autoridade de outro. A figura de poder inspira medo. Com efeito, uma vez que ela impõe ameaçando e, se necessário, aplicando sanções, sua voz é ouvida por quem teme tais sanções. Em compensação a figura de autoridade inspira confiança que quem se submete a ela acredita no que ela diz e aceita as suas ordens.

Surgindo então a importância de ser firme como já dito acima para inspirar confiança, para que a criança saiba das consequências se não respeitar tal ordem. São combinações que devem ocorrer indiferentemente do lugar onde os pais estão com seus filhos, pois como a família 3 ressalta: *“quando a gente tá em casa é mais fácil, quando tem gente, a gente já releva um pouco, às vezes a gente não quer ficar xingando na frente dos outros (mãe)”*. E às vezes estes são os momentos em que as crianças se aproveitam, pois percebem que quando estão em local público, os pais as deixam “mais à vontade”, aí mesmo que extrapolam, fazendo as cenas de birra quando recebem um NÃO.

Neste sentido, pode-se inferir que há uma leitura das reações sociais e das reações dos pais em espaços públicos, desde muito cedo por parte das crianças. Para elas, tornam-se perceptíveis os efeitos do olhar reprovador das demais pessoas que por vezes conduzem os pais a reações adversas daquelas assumidas no espaço privado da casa.

Em relação ao diálogo, ao ato de conversar e explicar, surge a importância do cuidado de o casal não se interromper mutuamente. Ou seja, que o pai não seja interrompido pela mãe quando está conversando com seu filho, seja para concordar ou discordar. Da mesma forma, em relação aos momentos em que a mãe está conversando com o filho. Porém, a família 3, ou melhor a mãe desta, afirma que o pai discorda dela no momento em que está impondo regras, e gestualizando o Não para a filha, que ele quer ir contra. Ao serem questionados por mim, se faziam isto na frente da filha, pai e mãe afirmaram que sim, e ao mesmo tempo sorriram e disseram: *“errado, né?”*, esperando que eu dissesse que sim. Mas apenas

mentionei que cada um faz o que lhe convém, que apenas não é o indicado, que o melhor é realizar combinações entre o casal em um local que a filha não presencie.

Este capítulo tem como título: “Família: O que está tão diferente?” Diante de tantas mudanças, no âmbito escolar e familiar, eu estava curiosa para conhecer e saber mais a respeito, afinal, o que mudou? As respostas foram fundamentais para o meu trabalho. Mas agora quero apresentar também o que as crianças pensam sobre autoridade, sobre as mudanças de relações de autoridade, pensando no contexto da família.

5.2 Quando o assunto é autoridade, o que pensam as crianças?

Antes de ir a campo, foi necessário retomar os estudos já mencionados no capítulo 4 sobre a metodologia, onde destaca-se o quanto se deve escutar as crianças, deixá-las falar, sem interrompê-las, ou até mesmo falar por elas. Sabe-se que as crianças são muito espontâneas e criativas, utilizam-se das palavras de uma maneira muito original, sem necessariamente se preocupar com o que o adulto vai falar, também. As crianças também possuem necessidade de expor suas ideias, contar histórias, relatar fatos.

E pensando nas entrevistas, de acordo com Cruz (2008, p. 46):

Busca-se nessa escuta confrontar, conhecer um ponto de vista diferente daquele que nós seríamos capazes de ver e analisar no âmbito do mundo social de pertença dos adultos. No entanto, o que as crianças fazem, sentem e pensam sobre a sua vida e o mundo, ou seja, as culturas infantis, não têm sentido absoluto e autônomo ou independente em relação às configurações estruturais e simbólicas do mundo adulto e tampouco são mera reprodução. As crianças não só reproduzem, mas produzem significações acerca de sua própria vida e das possibilidades de construção da sua existência.

É com esta ideia de reproduzir significações das crianças que me inspirei para iniciar as perguntas, pois muitas expectativas, muitas dúvidas e anseios ocorreram em relação às entrevistas com as crianças. Primeiramente, surgiu a ideia de realizar as perguntas com dois grupos de seis e sete crianças. Após, em função do tempo e percebendo que apenas um grupo de sete crianças já apresentava muitos dados para análise, não houve a necessidade de entrevistar mais um grupo de crianças.

Confesso que me senti mais desafiada com a entrevista com as crianças, do que com os pais, pois era necessário deixá-las livres para exporem suas ideias. Outro receio meu, era se seria interessante para os alunos o tema e as perguntas da minha pesquisa, ou se eles iriam se dispersar. A escolha das crianças deu-se a partir do meu contexto de trabalho, atentando para aquelas que mais se sobressaem expressivamente e apresentam uma reação sob os pais. Para reuni-los utilizei o espaço da escola no turno inverso ao meu trabalho. Ao convocar as crianças em conjunto logo questionaram o que iríamos fazer. Então expliquei, e estavam muito curiosos em relação ao gravador. Sendo assim, primeiramente deixei que cada um falasse alguma frase, para depois poder ouvir sua voz no gravador.

Antes de iniciar com as perguntas diretamente, realizei a contação de histórias, onde há uma relação de hierarquia, alguém que manda e outros que obedecem. A história 1: “Mamãe Zangada” de Jutta Bauer, a qual relata sobre uma mãe pinguim que dá uma bronca no filho. Com os gritos, o corpo do pinguim se desintegra e ele acaba perdendo as partes do corpo, por diferentes espaços. No final, a mãe vem e junta todas as partes, pedindo desculpas e recompondo o corpo do filho.

Após contar a história, dei continuidade com as perguntas e depois fiz mais uma contação de história. Como fechamento, a história 2, intitulada “O Reizinho Mandão” de Ruth Rocha, a qual adaptei, por ser uma história extensa para a faixa etária das crianças. O livro conta a história de um rei que só mandava nas pessoas, inclusive “mandava calar a boca”. Com o passar do tempo, ninguém conversava mais no reino deste rei, porque tudo ele proibia. Até que o rei foi procurar ajuda no reino vizinho e lá todo mundo cantava, era feliz. O rei deste lugar falou que o rei mandão deveria encontrar uma criança que falasse e então saiu em busca. Encontrou-a. Ela falou e foi então que todas as pessoas voltaram a se comunicar, tornando-se mais felizes.

A pesquisa foi realizada com sete crianças, sendo três meninas (D, L, T) e quatro meninos (A, O, G, J); duas crianças com 6 anos completos e cinco com 5 anos completos.

Durante a contação da história 1, apenas dois comentários foram feitos, de duas meninas: *Criança G*: “A minha mãe grita”. *Criança T*: “a minha mãe também é assim, de vez em quando”. Logo, estas meninas pensaram na sua realidade, pude perceber durante estas falas o quanto isto as deixava inquietas, incomodadas, ou seriam acostumadas? Pois, muitas vezes, este fato de gritar pode ser tão naturalizado, que a própria criança já se acostumou. Não cabe aqui criticar, como certa ou errada as atitudes dos pais, mas sim refletir sobre como as crianças entrevistadas se relacionam com a família.

Ao perguntar “quem manda mais em casa?”, logo a maioria respondeu: *O pai e a mãe*, podendo perceber assim, que os pais são referências para estas crianças em termos de autoridade, ou seria autoritarismo? Ao serem questionadas sobre quem manda mais pensando em um sentido mais amplo, em diferentes ambientes, o menino A, relatou: “A profe”. Logo, na sequência, a entrevistada D destacou: “*Não, a profe Daia manda aqui na escola*”. Confesso que fiquei assustada, pois não gostaria que eles me vissem como a professora que “manda”, mas sim como uma professora que lhes quer bem. Mas entendo que para eles ainda sou uma referência no sentido de quem estabelece algumas regras.

Ainda sobre o ato de mandar, houve discordância entre a criança G, e a criança T, sendo que aquela afirmou que o pai manda mais que a mãe, enquanto esta mencionou: “*a minha mãe manda mais que o meu pai, porque ela é mais braba, xinga. O meu pai, grita e eu não suporto ouvir isso*”. Ao questionar o aluno G porque o pai manda mais, ele afirmou: “*Porque ele é mais corajoso*”. São falas como estas, espontâneas que denotam a riqueza de um espaço de escuta das crianças, principalmente para pensar sobre as suas percepções quanto às relações entre adultos e crianças. No caso da minha pesquisa, mais especificamente, entre pais e filhos, professores e alunos.

Os entrevistados ainda comentaram que obedecem ao mano, aos dindos, às professoras, além dos pais. Ou seja, não só os pais são reconhecidos como figuras de referência, mas também pessoas que convivem com estas crianças. Questiono se obedecem por respeito, por ser alguém mais velho, ou por que os pais ou a sociedade impõem esta relação com estas pessoas.

Conforme já mencionado no capítulo 2 – “Roubando a cena de ser pai e mãe” – onde fiz uma breve análise do programa *Supper Nanny*, que procura mostrar “como educar seu filho”, indicando que a cadeirinha do pensar é a forma para que a criança não repita mais atitudes de mau comportamento, procurei levar uma questão em relação a este ponto para os alunos. Pensando nisso, as crianças foram incentivadas a falarem sobre o que lhes acontece quando não obedecem, momento em que recebi as seguintes respostas: *Criança O: “De vez em quando o pai me xinga, quando eu tô na cama e não escovo os dentes”*. *Criança T: “Minha mãe bate com uma varinha bem fininha e forte, isso dói muito”*. *Criança J: “Eu obedeco todos os dias, mas às vezes a mãe precisa conversar comigo”*.

A partir destas respostas, pode-se analisar então que a primeira criança sabe o porquê de seu pai lhe xingar, admitindo que quando não obedece, a consequência acontece. O fato de a criança J reconhecer que obedece também é interessante, mas tem consciência de que se não obedecer, a mãe conversará e mais uma vez pode-se perceber que a autoridade feminina se faz presente.

Outra curiosidade que eu possuía era em relação ao que as crianças faziam quando estavam em casa, se os pais estavam presentes nestes momentos, ou se simplesmente a criança brincava sozinha, assistia televisão. Na questão relacionada à rotina de casa, o que fazem quando estão em casa, seis crianças relataram que brincam sozinhas, desde andar de bicicleta até jogar no computador. Apenas uma criança relatou que joga bola com o pai. Já na pergunta direcionada se brincam com os pais ou não, uma menina relatou que: *“ah, meu pai e minha mãe nunca brincam com a gente, porque eles ficam olhando novela, a gente pede todo dia pra eles vim brincar, mas eles não vem”*. Já outra criança menciona que só o pai brinca, a mãe assiste novela. As demais crianças num total de 5 mencionaram que pai e mãe brincam, de esconde-esconde e de jogar bola.

Pude perceber diante destas respostas que algumas crianças brincam sozinhas, mas a maioria brinca com os pais. Alguma interação durante o tempo que estão juntos acontece, exceto a menina que mencionou que pede para os pais brincarem junto, mas eles não vem. Muitas vezes, os pais pensam que por ter irmãos, por terem brinquedos, por passar o dia na escola, não necessitam sentar para brincar com as crianças.

Outra situação sobre a qual instiguei as crianças são as idas ao supermercado com o pai e a mãe, a fim de saber o que podem comprar, bem como se podem escolher o que querem. Mas para minha surpresa, as crianças destacaram que: *Criança D: “Só se a mãe e o pai tem muito dinheiro”*. *Criança J: “A mãe deixa eu comprar só uma coisa”*. *Criança O: “Só uma coisa, se eu quero chiclé é só isso”*. *Criança L: “Eu queria a Peppa na loja, mas aí eu esperei porque ela não tinha tanto pila”*. Destaco aqui que as crianças estão conscientes que podem pedir só uma coisa, talvez até tentam pedir mais, mas também já entendem que é necessário os pais terem dinheiro para comprar. Ou seja, as respostas das crianças refletem algumas combinações já estabelecidas com os pais, alguns “nãos” que não são colocados como mera imposição, mas acrescidos de justificativas.

Diante das respostas de pais e crianças, respostas se misturam, situações do dia a dia aparecem, desabafos, incertezas, e para mim fica a vontade de saber mais, de compreender mais e melhor a dinâmica das relações entre adultos e crianças, em especial, entre pais e filhos. Para tanto, convido-os para seguir a leitura do último capítulo deste imenso aprendizado durante o ano de 2014.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através desta pesquisa posso inferir que o conceito de autoridade ainda está muito relacionado ao poder, e ao que transmitimos. Queremos impor esta autoridade muitas vezes não por ser necessário, mas por nos preocuparmos com a sociedade, por sentirmos necessidade de nos enquadrarmos em um padrão.

Com base nas leituras e entrevistas, constatei que os pais estão sim preocupados com seus filhos. A impressão que tive é de que querem passar valores, e que quando o conversar não supre mais as necessidades, as punições entram em cena, sendo estas muitas vezes também acompanhadas em programas televisivos, constatando assim que a mídia é uma aliada para algumas famílias. Outro aspecto é que cada vez mais a figura materna está presente no dia a dia de seus filhos, ocupando o espaço de autoridade.

Curiosidade, anseios, o querer saber e conhecer sempre me moveram durante toda a pesquisa. Mas destaco, aqui, a intervenção com as crianças. Senti muita espontaneidade em suas falas, procurando demonstrar o que pensam, sem medo. Foi isso que me atraiu mais ainda, pois através das suas respostas, é que pude perceber o porquê muitas vezes eu era vista pelos pais como uma autoridade, como alguém que conseguia o que eles não conseguiam fazer com seus próprios filhos.

Quando se fala em autoridade, muito ainda confunde-se com autoritarismo. Ao iniciar esta pesquisa também imaginava estes dois conceitos interligados, e também os confundia. Mas, após as leituras, consegui perceber a diferença. É importante salientar que com as famílias que convivo e até mesmo as pessoas

entrevistadas não conseguem diferenciar autoridade de autoritarismo. Somente uma mãe mencionou esta diferença.

A importância de compreender a linha tênue entre autoridade e autoritarismo tem implicação nas práticas educacionais. A autoridade implica a legitimação do outro. Portanto, a percepção de constituição de relações de autoridade exige a ligação de ações que digam respeito ao reconhecimento. Quando somos autoritários com nossos filhos e alunos, necessitamos gritar, colocar de castigo exageradamente, impondo muitas vezes o medo.

Destaco a seguinte definição de Macedo (2014, p. 23): “Ter autoridade é influenciar pessoas de forma legítima e necessária. Ser autoritário é subjugar-las, restringi-las, tomar decisões unilaterais e impor-se a elas como pessoa, grupo ou sistema”.

Um aspecto interessante também é de que as crianças possuem consciência das consequências, “dos castigos” que possam vir a sofrer caso não obedeçam e não realizem as regras ditadas pelos pais. Ou seja, eles sabem quando estão realizando uma ação classificada como incorreta ou indesejada pelos pais, o que não impede é claro, que elas os desafiem.

A pesquisa trouxe questionamentos e dúvidas para as práticas educacionais nas quais estou envolvida, permitiu-me rever algumas atitudes e repensar a leitura dos modos de educar que perpassam diferentes décadas e gerações. Por fim, concluo que para além das certezas obtidas pelo referencial teórico estudado e a partir da pesquisa de campo, foram as dúvidas que me impeliram ao conhecimento, que de fato me desacomodaram e me moveram em busca do saber.

REFERÊNCIAS

ARENDT, Hannah. **Entre o Passado e o Futuro**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BARÕES da mídia. **Bola e arte**. Disponível em: <<http://bolaearte.files.wordpress.com/2012/04/baroes-da-midia.jpg>>. Acesso em: 02 mar. 2014.

BAUER, Maria Cristina Galimberti de Souza. **Autoridade na escola**: uma relação pedagógica. LUME Repositório Digital UFRGS. Porto Alegre. 2010. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/72004/000880905.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 15 mar. 2013.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. **Aprendendo a entrevistar**: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. Em tese, v. 2, n.1, p.68 – 80. jan./jul. 2005. Disponível em: <http://www.emtese.ufsc.br/3_art5.pdf>. Acesso em: 17 maio 2014.

CABISTANI, Roséli. A novela familiar contemporânea e a educação. In: Fátima Rodrigues e Roselene Gurski, et. al (Orgs.) **Educação e função Paterna**. Porto Alegre; Editora da UFRGS, 2008. p. 43 – 50

CAMPOS, Cristiana Caldas Guimarães de; SOUZA, Solange Jobim e Souza. **Mídia, cultura do consumo e constituição da subjetividade na infância**. Psicologia: Ciência e Profissão. Brasília: v. 23, n. 1, Mar. 2003 Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141498932003000100003&lang=pt>. Acesso em: 1 mar. 2014.

COELHO, Rosana de Souza. Autoridade e violência nas relações de trabalho contemporâneas. In: **Comissão de Aperiódicos da Associação Psicanalítica de Porto Alegre**, et. al (Orgs.) Autoridade e Violência, Porto Alegre, 2011, p. 47-67.

COSTA, Aline Conceição da; PANIAGO, Maria de Lourdes Faria dos Santos. **Práticas de subjetivação no programa “supernanny”**: práticas discursivas utilizadas pelo programa na formação do sujeito. Disponível em: <http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/12.%20pr%>

C1ticas%20de%20subjetiva%C7%C3o%20no%20programa%20supernanny.pdf>. Acesso: 22 mar. 2014.

CRUZ, Silvia Helena Vieira; et. al (Org.) **A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas**. São Paulo, Editora: Cortez, 2008.

FURLANI, Lúcia Maria Teixeira. **Autoridade do professor: meta, mito ou nada disso?** São Paulo; editora: Cortez-autores associados;1988.

KOHN, Alfie. **Assessoria atroz de “Supernanny”**. Publicado no “The Nation” em 23 de Maio de 2005 e traduzido por Marcelo Michelsohn com autorização do autor. Disponível em: <<http://www.alfiekohn.org/parenting/supernanny.htm>>. Acesso em: 05 mar. 2014.

LA TAILLE, Yves de. **Autoridade e Liberdade**. Revista Pátio Educação Infantil. Porto Alegre. Ano VI, Nº 21, p. 11-13, Julho/Agosto 2014.

LEITE, Maria Isabel. Espaços de narrativa: onde o eu e o outro marcam encontro. In: Silvia Helena Vieira da Cruz. Et. al (org.). **A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas**. São Paulo. Editora: Cortez, 2008. p. 118-140

LIMA, Christiane. **A mídia em nossas vidas: Informação ou manipulação?** Disponível em: <http://elo.com.br/portal/colunistas/christianelima/ver/230989/a-midia-em-nossas-vidas-informacao-ou-manipulacao-.html>. Acesso em: 13 sep. 2014.

MACEDO, Lino de. **Autoridade, liderança e relações pedagógicas no ensino médio**. Revista Pátio Educação Infantil. Porto Alegre. Ano VI, Nº 21, p. 22-25, Julho/Agosto 2014.

MANIPULAÇÃO da mídia e antidemocracia. **Terror do Nordeste**. Disponível em: <<http://www.terrordonordeste.blogspot.com.br/2010/09/manipulacao-da-midia-e-antidemocracia.html>>. Acesso: 02 mar. 2014.

ROCHA, Eloisa Acires Candal: Porque ouvir as crianças? Algumas questões para um debate científico multidisciplinar. In: Silvia Helena Vieira da Cruz; et. al (Org.) **A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas**. In: São Paulo. Editora: Cortez, 2008. p. 43-51.

ROMANELLI, Geraldo. Autoridade e poder na família. In: Maria do Carmo Brandt de Carvalho, et. al. (Orgs.). **A família contemporânea em debate**. Cortez: São Paulo, 2002. p. 73 – 88.

ROUDINESCO, Elisabeth. **A Família em Desordem**. Rio de Janeiro. Editor: Jorge Zahar, 2003.

SANTOS, Thayna. **Dicas da supernanny para educação dos filhos**. Disponível em: <<http://www.alobebe.com.br/revista/dicas-da-supernanny-para-educacao-dos-filhos.html,483>>. Acesso em: 22 mar. 2014.

SZYMANSKI, Heloisa. Teorias e “teorias” de família. In: Maria do Carmo Brandt de Carvalho, et. al. (Orgs.). p. 23 -28. **A família contemporânea em debate**. Cortez: São Paulo, 2002.

ZAGURY, Tania. **Educar sem culpa**: gênese da ética. 12. edição. Rio de Janeiro: Record, 1997a.

_____. **O professor refém**: para pais e professores entenderem por que fracassa a educação no Brasil. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006 .

_____. **Sem Padecer no Paraíso**: em defesa dos pais ou sobre a tirania dos filhos. 14. edição. Rio de Janeiro: Record, 1997b.

ANEXOS

ANEXO A – Dicas de Cris Polli

Dicas de Cris Polli destacadas no seu Programa Supernanny⁷:

1. Quando a criança quer alguma coisa e começa a gritar e se jogar no chão em uma loja ou supermercado.

O segredo para que isso não aconteça, é sempre ter regras claras, conversar, explicar antes de entrar no supermercado, e jamais ceder, se disser não é não.

2. Se a criança insiste em comer andando pela casa.

A criança deve comer sentada à mesa, e caso não queira comer, deixe bem claro que ela não poderá comer mais nada até a próxima refeição.

3. Filhos que não querem dormir sozinhos ou na própria cama.

Explicar que está na hora de dormir, talvez deixar uma luz acesa, ou a porta entreaberta, mas se a criança chora, não se deve ir até o quarto.

4. Em caso de brigas constantes entre irmãos. Um quer o brinquedo do outro ou chamar a atenção dos pais.

Procurar entender qual dos dois começou a briga, explicar o porquê da situação e incentivar o pedido de desculpas.

5. Quando se recusa a seguir os horários estabelecidos pelos pais.

Quem dita as regras são os pais, portanto, não podem esquecer que são a autoridade, devem fazer valer suas palavras.

6. Chora para conseguir o que quer.

Ignorar o choro, os pais precisam dizer não na hora certa.

7. Não gosta de dividir os brinquedos.

⁷ Acessadas no site. <<http://www.alobebe.com.br/revista/dicas-da-supernanny-para-educacao-dos-filhos.html>,483>. Acesso em: 22 mar. de 2014.

É importante que os pais incentivem, pode ser através de atividades que promovam estas atitudes.

8. Quando é repreendido pelos pais responde com palavrões ou “dá de ombros”.

Os pais não devem permitir, mostrando o quanto é errado fazer isto.

9. A criança que mente.

Explicar o quanto é importante falar a verdade e errado mentir.

10. Ir para a escola se torna um tormento, a criança chora e não quer entrar de jeito nenhum.

Realizar uma sondagem do porquê isto está acontecendo.

ANEXO B – Todas as reportagens utilizadas durante o trabalho

Primeira reportagem: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/equilibrio/98093-por-que-e-tao-dificil-colocar-limites-no-seu-filho.shtml>,

FOLHA DE S.PAULO

Por que é tão difícil colocar limites no seu filho

JULIANA VINES
DE SÃO PAULO

12/03/2013 05h05

Os pequenos tiranos de hoje são resultado do encontro de duas gerações sem limites, diz Tania Zagury, mestre em educação e autora de "Limites Sem Trauma" (Record).

"Quem está criando filhos agora são os que já tiveram liberdade na infância e estão frente a uma situação que não vivenciaram: os filhos deles também querem fazer de tudo. A liberdade da criança acaba tirando a dos pais."

A família está sob o governo das crianças, afirma pesquisadora

Zagury fez um estudo com 160 famílias no início dos anos 1990, quando já identificava o surgimento da tirania infantil. "Os pais dos anos 1980 tinham sido criados de forma dominadora e queriam uma educação liberal."

Entre os anos 1970 e 1980 a criança se tornou ator da história, segundo Mary Del Priore, organizadora do livro "História das Crianças no Brasil" (Contexto).

A tendência começou depois da Segunda Guerra. Ao mesmo tempo, surgiram leis de proteção à infância, jovens ganharam visibilidade no cinema e na publicidade e as famílias diminuíram.

"A mulher [que trabalha fora e começa a tomar pílula] passa a querer ter menos filhos para criá-los bem. E a criança ganha lugar como consumidora. Há uma transformação no papel dos pais", afirma a historiadora.

CRISE DE AUTORIDADE

O problema é que a balança foi toda para o outro lado: da rigidez à frouxidão, analisa o psicanalista Renato Mezan, professor da PUC-SP. "Por um lado, é um avanço social, há mais diálogo na família e mais decisões consensuais. Mas, por outro, os pais têm medo de exercer a autoridade legítima. É uma crise de autoridade generalizada."

Há também uma inversão de papeis, segundo a pedagoga Adriana Friedmann, doutora em antropologia e coordenadora do Nepsid (Núcleo de Estudos e Pesquisas em Simbolismo, Infância e Desenvolvimento).

"Há uma 'adultização' precoce e, ao mesmo tempo, um prolongamento da infância", diz. "Não dá para culpar só os pais. Todos são vítimas da tendência sociocultural. As crianças estão expostas a um grande número de estímulos e influências da mídia."

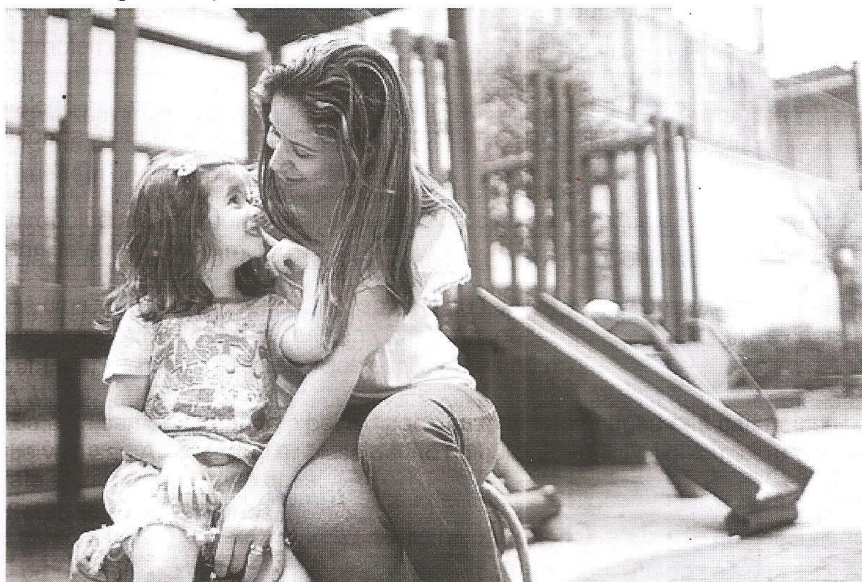
Para a psicanalista Marcia Neder, os pais se sentem obrigados a mimar os filhos e há muitas exigências em torno de um ideal da mãe perfeita. "Fica difícil dizer 'não' em uma sociedade que trata a criança como um deus."

A blogueira Loreta Berezutchi, 29, sente na pele as cobranças do que ela chama de

Catarina...

"Ela está sempre batendo o pé. Empaca quando não quer sair de casa e quer escolher a roupa que vai usar. Às vezes, quer blusa de frio no calor e é difícil fazê-la mudar de ideia", conta.

Fabio Braga/Folhapress



A blogueira Loreta Berezutchi com a filha caçula, Catarina, 3, no playground do condomínio onde moram, em São Paulo

Além de comprar "as brigas que valem a pena" com a filha (como não deixá-la viver só de bolacha e iogurte), Loreta tenta não ser guiada pela concorrência que há entre mães blogueiras para ver quem é a "mais mãe", ou seja, a que mais paparica sua prole (ela escreve no www.bagagemdemaes.com.br).

"Na hora de apontar o dedo, todo mundo aponta. 'Ah, meu filho só come comida saudável e o seu toma refrigerante'. Você se sente culpada por não ser o modelo de mãe que cozinha para o filho, dá água mineral etc.", diz.

Ela admite que sua vida hoje gira em torno dos rebentos e acha que faz parte do pacote. "Eu estava preparada para isso quando decidi ser mãe. Mas faz falta ter uma vida social que não os inclua."

Enquanto a criança ainda é um bebê, é normal que a vida da família seja pautada pelas necessidades dela, de acordo com Zagury. "Mas, a partir dos três, quatro anos não precisa ser assim. Os pais devem dar proteção aos filhos, não sua própria vida."

MAMÃE EU QUERO

Encontrar o equilíbrio pode ser complicado quando a criança tem entre dois ou três anos, aponta Friedmann. "Elas estão na fase de se descobrirem como pessoas com identidade única. Nesse período, há uma necessidade da afirmação do eu, por isso experimentam um jogo de força com os adultos."

É fundamental os pais terem clareza sobre quais regras vão impor aos filhos. Só assim conseguirão ser firmes.

personalidade", acrescenta Friedmann.

A psicopedagoga Maria Irene Maluf, membro da Associação Brasileira de Psicopedagogia, lembra que regras dão segurança. "A opinião da criança não deve ser ignorada, mas ela não sabe escolher o que é melhor para ela. Ninguém nasce autônomo."

No fundo, mesmo os mais rebeldes gostam de saber até onde podem ir, complementa a também psicopedagoga Betina Serson. Para quem tem um déspota mirim em casa, ela recomenda começar a disciplina estabelecendo uma rotina (veja mais orientações ao lado).

"A ideia de que colocar limites pode ser danoso à criança é 'idiota'", afirma Mezan. Segundo ele, a inexistência de regras gera ansiedade dos dois lados.

"Qualquer renúncia ao prazer imediato passa a ser vivida como uma frustração insuportável pela criança. Muitas vezes, porque seu desejo é logo satisfeito, ela acaba valorizando pouco o que tem", afirma.

Editoria de Arte/Folhapress

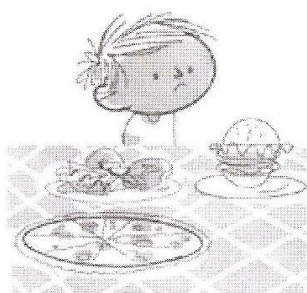
ORDEM NA CASA

Desperte a "Supernanny" que existe em você



Horários

Estabeleça uma rotina para seu filho, com horários para ele acordar, comer, brincar, descansar e dormir. Se seu filho não tem rotina nenhuma, comece aos poucos e não volte atrás



Escolhas

Treine a habilidade de escolha do seu filho, mas, antes, selecione as opções e dê alternativas ("você prefere cenoura ou beterraba?"). A palavra final é sua



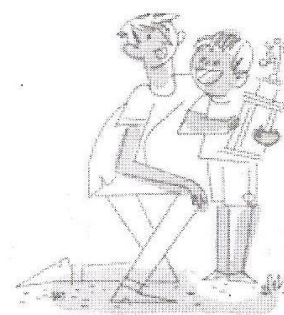
Birra

Ignore os acessos de raiva. Se preciso, leve a criança para um lugar seguro e retire-se. Quando ela se acalmar, converse sobre o ocorrido e explique que há outras formas de mostrar sentimentos



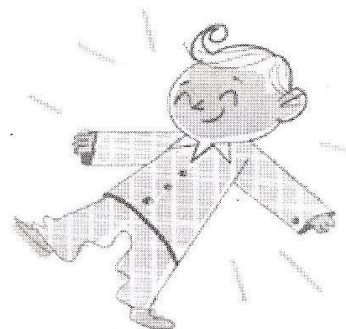
Exemplo

Se quer que a criança valorize o jantar em família, não saia da mesa para atender o celular. Se não quer que ela grite ou brigue, dê exemplo de como é possível argumentar sem gritar



Recompensa

Quando a criança fizer algo certo, premie com uma atividade divertida, um carinho ou um elogio; não dê coisas materiais como prêmio



Sono

Coloque pijama no seu filho quando ele for dormir. O ritual é importante para criar o hábito. Deixe o banho para a noite e, antes de dormir, não brinque de atividades muito agitadas

Ilustrações: Bernardo França

Fontes: Tania Zagury, filósofa e mestre em educação; Maria Irene Maluf e Betina Serson, psicopedagogas

Endereço da página:

<http://www1.folha.uol.com.br/eqilibrioesaude/2013/03/1244252-por-que-e-tao-dificil-colocar-limites-no-seu-filho>

Links no texto:

"I limites Sem Trauma"

A família está sob o governo das crianças, afirma pesquisadora

<http://www1.folha.uol.com.br/eqilibrioesaude/1244251-a-familia-esta-sob-o-governo-das-criancas-afirma-pesquisadora.shtml>

"História das Crianças no Brasil"

<http://livraria.folha.com.br/catalogo/1144199/historia-das-criancas-no-brasil>

Copyright Folha de S. Paulo. Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução do conteúdo desta página em qualquer meio de comunicação, eletrônico ou impresso, sem autorização escrita da Folha de S. Paulo.

Segunda reportagem: <http://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/1244251-a-familia-esta-sob-o-governo-das-criancas-afirma-pesquisadora.shtml>.

FOLHA DE S. PAULO

12/03/2013 - 05h00

A família está sob o governo das crianças, afirma pesquisadora

JULIANA VINES
DE SÃO PAULO

Theodoro tem dois anos e 11 meses e o apelido de "Theorremoto", ganho às custas de muita birra. "Não muito orgulhosa disso", a mãe, a estilista Marina Breithaupt, 32, diz que o menino manda nela, no pai e na irmã de 11 anos.

Por que é tão difícil colocar limites no seu filho

"Saímos quando ele quer, assistimos ao que ele gosta na TV. Ele quer tudo antes da irmã e decidiu que não dorme mais na cama dele, só na nossa", conta a mãe.

Adriano Vizoni/Folhapress



Theodoro, de dois anos e oito meses, na grávida onde mora, em Campinas.

Se ouvir um não, o menino "faz escândalo, vira um inferno". A família deixou de ir a shopping porque Theo quer tudo que vê. E só vai a restaurante que tem parquinho: um dos pais brinca com ele enquanto o outro come.

A última do garoto é não querer ir à escola. "Já acorda dizendo que não vai. Num domingo, resolveu que queria ir", diz Marina. "Sou rígida, mas acabo cedendo para evitar problemas. Ele tem personalidade dominadora."

Ele é uma geração inteira de pequenos ditadores, na explicação de Marcia Neder, pesquisadora do Núcleo de Pesquisa de Psicanálise e Educação da USP e autora do livro "Déspotas Mirins - O Poder nas Novas Famílias" (Zagodoni, 144 págs., R\$ 34).

"Vivemos uma 'pedocracia'", diz, dando nome ao fenômeno das famílias sob o governo das crianças. "Há 50 anos, elas não tinham querer. Agora, mandam."

Segundo Neder, estamos no ápice da tirania infantil. "Muito se fala sobre declínio de poder paterno e ascensão do materno. Discordo. Quem ganhou poder nas últimas décadas foram os filhos", diz.

A falta de limites é sinal da derrota dos pais, na visão dela. "A criança foi a grande vitoriosa do século 20."

E não precisa ser mandão para manter o reinado. Mesmo sem espernear, os filhos têm as vontades atendidas e a rotina da casa organizada em função deles. "O adulto é um satélite em volta da criança", diz Neder, que considera urgente um esforço pela retomada do poder adulto. "Vamos pagar o preço de ver esses tiranos crescidos."

Terceira Reportagem: Zero Hora. “Geração N: é preciso aprender a dizer NÃO às crianças”

A dificuldade dos pais em impor limites colabora para formação de jovens egocêntricos.



Sarah Carvalho, quatro anos, em meio à coleção de mais de 60 Barbies: ensinada desde cedo a ajudar o próximo, ela costuma separar bonecas para doação Foto: Adriana Franciosi **18-07-2010 às 08h12**

Quem tem filho, sabe: dizer não a crianças e adolescentes virou um desafio em diferentes sentidos. Se num passado não muito distante as decisões paternas eram inquestionáveis e tinham amparo na palmatória, hoje os pais do século 21 vivem dias incertos. A dificuldade de impor limites é tanta que em países como Estados Unidos já se alerta para os riscos de um futuro minado por jovens incapazes, acostumados desde a mais tenra idade a ter o ego inflado e todos os caprichos atendidos.

Ao tratar do assunto no The Huffington Post, o escritor, articulista e ensaísta Rob Asghar, da Universidade do Sul da Califórnia, desencadeou a polêmica. Preocupado com a forma como os norte-americanos estão educando os filhos, Asghar identificou o surgimento do que chamou de Geração N – ou Narcisista. Uma linhagem marcada pela total falta de limites e por um senso de merecimento fora do

comum. Quase doentio. Por trás do fenômeno, concluiu Asghar, estariam pais angustiados.

O trabalho em excesso e a correria do dia a dia teriam assumido a forma de culpa. O medo de perder o amor dos filhos acabaria levando muitos casais a cederem aos caprichos infanto-juvenis sem ponderações. O resultado disso, na avaliação do escritor, já pode ser detectado nas ruas dos Estados Unidos: estaria visível na conduta de jovens que se sentem no direito de tudo, sem trabalhar duro por nada.

Por estas e por outras conclusões, o artigo acabou pautando discussões acaloradas em foros virtuais e na mídia.

No Brasil, não é diferente. Afinal, diante da falência dos velhos modelos, qual é o melhor caminho para educar um filho? A resposta, segundo especialistas, não é tão simples quanto às conclusões de Asghar parecem indicar.

Para o psiquiatra gaúcho José Outeiral, especialista no atendimento a crianças e adolescentes, as especulações do escritor são “banais” e “boas para vender livro”. Avesso a generalizações, Outeiral argumenta que pais que dão tudo aos filhos nem sempre estão errados e que há condutas muito mais preocupantes.

- A depressão e a tendência antissocial não se devem a mimos em excesso na infância, mas a dificuldades de se estabelecer vínculos consistentes entre pais e filhos. O problema maior está no abandono - ressalta o especialista.

Sarah, quatro anos, filha da chefe de cartório Aline Paim de Campos Carvalho, 35 anos, e do empresário Clênio Carvalho, 50 anos, desconhece o alerta feito por Outeiral. Desde que nasceu, a menina é o centro das atenções dos pais, que não poupam carinho e amor. Nem presentes.

“A geração de pais que se deixa manipular pelos filhos precisa alertá-los de que a vida envolve provas, desafios, desapontamentos e competição, e não uma sucessão de festas de aniversário.”

“Converse com qualquer empregador de jovens e ele lhe dirá: “Os jovens de hoje não sabem como conquistar qualquer coisa. Eles esperam que

tudo seja entregue a eles.” Sim, eles se sentem no direito. Nós, doutores Frankstein, não imaginamos que isso fosse acontecer.”

Trechos extraídos do artigo do escritor norte-americano Rob Asghar, publicado no jornal The Huffington Post

Cartilha dos pais conscientes

Sarah acumula uma coleção de brinquedos de dar inveja a muitas crianças: são cerca de 60 Barbies de todos os estilos - o que equivale a uma média de 15 bonecas por ano. Ela também tem a coleção inteira das Little Mommy, bebês que espirram, falam inglês, caminham e escovam os dentes.

Apesar de tantos mimos, a mãe garante: a primogênita sabe que tem limites. É ensinada a respeitar os outros e a ajudar o próximo, inclusive separando bonecas para doação. Na opinião de Aline, esse é o diferencial em relação ao que ocorre nos Estados Unidos, onde o culto ao materialismo estaria se sobrepondo a valores básicos.

- A Sarah ganha muitos presentes. E eu adoro dar, tenho condições para isso e não tenho por que negar. Mas tem uma coisa fundamental: eu faço questão de que ela tenha plena consciência de que trabalho duro para isso - diz Aline.

Na casa dos oftalmologistas Carina Graziottin Colossi, 37 anos, e Manuel Vilela, 47 anos, o equilíbrio na educação de Antônio, 5 anos, também é motivo de preocupação. Filho único, ele teimava em ganhar presente sempre que ia ao shopping. Para mudar isso, Carina investiu no diálogo. Combina com Antônio se haverá ou não presentes antes de sair de casa. Ele aceita. Por ter pouco tempo com o filho em função do trabalho, a mãe admite que se sente culpada quando precisa dizer não:

- É difícil, porque as crianças questionam tudo hoje em dia. É importante, porém, que saibam lidar com as frustrações desde cedo. Eu me preocupo muito com isso.

Para a professora de Psicologia da Educação Tania Beatriz Iwaszko Marques, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Carina está certa ao se

preocupar. Estabelecer limites e dizer não quando necessário, segundo a educadora, são atos de amor. Não de dor.

- Se achar que precisa dizer não, o pai deve fazer isso sem ceder a chantagens. Inconscientemente, o filho vai sentir que ele se preocupa. As crianças precisam disso - aconselha Tania.

Essa cartilha é seguida à risca pelos advogados Márcia e Antônio Ciriaco, cujos filhos estudam no Colégio Militar de Porto Alegre, conhecido por pregar a disciplina. O mais velho, Pedro, 16 anos, está se formando e tem uma rotina rigorosa de estudos – inclusive aos sábados e domingos. A caçula, Luísa, de 11 anos, segue o exemplo do irmão e usa a tradicional boina vermelha com orgulho.

Vaidosa, ela bem que tentou ir à aula com as unhas pintadas. Embora tenha conseguido convencer a mãe, as regras da escola impediram. Luísa acabou tirando o esmalte, mas não ficou triste. Está acostumada a respeitar regras e princípios. Além de ter optado por estudar em uma instituição militar, é adepta do escotismo.

- Nunca tivemos problemas. Mas às vezes a gente diz não. Se for preciso, fincamos o pé – afirma Márcia.

A atitude, segundo o psiquiatra Renato Piltcher, da Associação de Psiquiatria do Rio Grande do Sul, está correta. Piltcher afirma que o maior erro que uma mãe ou um pai podem cometer é projetar no filho o ideal de uma vida sem frustrações.

Ao dar tudo o que a criança pede e tecer elogios intermináveis, o responsável pode estar formando um adulto que, muito provavelmente, se desapontará com extrema facilidade. E que, por medo de não conseguir, deixará de tentar – seja o que for. Na opinião do psiquiatra, não há problema em dar bens materiais às crianças, desde que os pais não se esqueçam de algo não só importante, como fundamental: transmitir valores e ensinar o significado da palavra ética.

:: Não tenha receio de dizer “não” quando necessário, mesmo que seu filho chore e que você se sinta culpado.

:: Tente não transparecer insegurança ao dizer “não”.

:: Deixe claras as razões pelas quais disse “não” e não volte atrás na decisão.

:: Ensine a criança ou o adolescente a se colocar no lugar do outro, para que aprenda a respeitá-lo.

:: Dê o exemplo. Se você disser para seu filho que ele não deve gritar, jamais diga isso gritando.

:: Lembre-se: o diálogo é o melhor aliado na educação. Converse muito com seu filho e não o subestime.

Autor do livro Adolescer, o psiquiatra gaúcho José Outeiral, com quase quatro décadas de experiência no atendimento a famílias, crianças e adolescentes, discorda das conclusões do escritor norte-americano Rob Asghar. Para ele, é preciso tomar cuidado com generalizações.

Donna – O escritor norte-americano Rob Asghar alerta para o surgimento da chamada Geração N, formada por jovens narcisistas, acostumados a ter tudo e incapazes de trabalhar duro. Como o senhor avalia isso?

José Outeiral – É uma generalização que não traduz a realidade. Além do mais, há muito tempo se escreve que a cultura contemporânea é marcada pelo narcisismo, basta ler as obras de autores como Bauman (Zygmunt Bauman, autor de Modernidade Líquida, entre outros livros).

Donna – Asghar afirma que os pais podem estar formando uma geração de jovens incapazes. O senhor concorda?

Outeiral – Isso é uma banalização, um exagero. É o tipo de frase que serve para vender livro. Sempre existiram crianças mimadas, com baixa tolerância a frustrações, mas não se pode generalizar.

Donna – Muitos pais se torturam diante do dilema de impor limites às crianças. Isso é um problema?

Outeiral – O problema maior hoje é o abandono, nas diferentes classes sociais, contribuindo para quadros graves de depressão.

Presidente da Associação Brasileira de Psicopedagogia no Estado, a gaúcha Fabiani Ortiz Portella concorda que a falta de limites da chamada Geração N é preocupante. Na opinião da especialista, os pais devem dizer não, mesmo que se sintam culpados.

Donna – O escritor norte-americano Rob Asghar alerta para o surgimento da chamada Geração N, formada por jovens narcisistas, acostumados a ter tudo e incapazes de trabalhar duro. Como a senhora avalia isso?

Fabiani Ortiz Portella – Tenho visto que muitos pais estão pecando ao não impor limites. A vida está tão corrida que a maioria não consegue mais parar para falar com os filhos, explicar o porque do não, dar referências básicas. Nesse sentido, acho que o autor está certo.

Donna – Asghar afirma que os pais podem estar formando uma geração de jovens incapazes. A senhora concorda?

Fabiani – O que percebo é que as crianças de hoje estão mostrando um potencial surpreendente. São rápidas e inteligentes, muito mais do que nós fomos nessa época.

Donna – Muitos pais se torturam diante do dilema de impor limites às crianças. Isso é um problema?

Fabiani – O grande pecado que cometemos é não conversar o suficiente e não ensinar valores morais. A minha recomendação é que os pais digam não. Emílio Pedroso.

Quarta Reportagem: “Efeito Homer Simpson mostra queda na autoridade dos pais” Zero Hora

Estudo italiano aponta que 23% dos jovens preferem pedir conselhos para professores

A relação informal entre pais e filhos, cada vez mais freqüente nos dias de hoje, já está sendo chamada de "efeito Homer Simpson". A expressão faz referência à famosa série de animação norte-americana *Os Simpsons*, na qual o pai de família Homer é tratado em pé de igualdade por seu filho Bart.

Um estudo realizado na Itália pelo Axe Effect Trend Lab, observatório criado pela empresa Unilever para identificar comportamentos e tendências dos jovens, mostrou que a autoridade dos pais italianos vem sofrendo uma queda nos últimos anos.

Ao tentar seguir a moda e os comportamentos dos jovens, os pais acabam dando a idéia de que não existe distância entre os dois papéis.

Entre os jovens pesquisados, 21% chamam os pais pelo nome e 23% preferem pedir conselhos e informações para os professores, seguidos de técnicos esportivos, para 18%, e padres, para 15% dos jovens.

Os pais aparecem em quarto lugar entre as figuras a quem os jovens recorrem para pedir ajuda, com 13% de preferência. Somente 5% escolhem a mãe, que aparece em posição inferior a irmãos, com 9% de escolhas, e amigos, com 8%.

ANEXO C: Termo de Consentimento para as famílias.**TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO E ESCLARECIDO**

Eu, _____, declaro por meio deste Termo que ACEITO participar da coleta de dados da pesquisa do trabalho de conclusão realizada por Daiane Nicolini Jung, aluna do Curso de Pedagogia - Univates, sob a orientação da Prof^a. Mariane Inês Ohlweiler, docente do curso acima referido e demais licenciaturas.

Declaro que fui informado/a de que o objetivo desta pesquisa é perceber como estão se dando as relações de autoridade entre diferentes gerações que compõem o mesmo cenário educacional e familiar, bem como buscar compreender de que formas e em quais artefatos sociais e culturais os pais estão se embasando para educar os seus filhos. Para tanto, será utilizado o recurso de entrevista semi estruturada com o uso de gravador de áudio e posterior transcrição das falas do(a) entrevistado(a).

Declaro que fui igualmente informado/a de que, as informações coletadas a partir desta pesquisa serão utilizadas apenas em situações acadêmicas (artigos científicos, seminários, etc), identificadas somente por nome fictício e número relativo à idade do participante.

Estou ciente de que, em caso de dúvida, poderei contatar a pesquisadora para os esclarecimentos desejados. Fui informado/a ainda de que poderei deixar de participar da pesquisa a qualquer momento, mediante a comunicação à pesquisadora responsável pela mesma.

_____, ____ de ____ de 2014.

Assinatura da pesquisadora: _____

Assinatura do(a) entrevistado(a): _____

RG do(a) entrevistado(a): _____

Anexo D – Termo de autorização para as crianças:**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
(RESPONSÁVEIS)**

Eu _____,
aceito que meu/minha filho(a) _____,
participe da coleta de dados da pesquisa do trabalho de conclusão realizada
por Daiane Nicolini Jung, aluna do Curso de Pedagogia - Univates, sob a
orientação da Profª. Mariane Inês Ohlweiler, docente do curso acima referido e
demais licenciaturas.

Declaro que fui informado/a de que o objetivo desta pesquisa é perceber
como estão se dando as relações de autoridade entre diferentes gerações que
compõem o mesmo cenário educacional e familiar, bem como buscar
compreender de que formas e em quais artefatos sociais e culturais os pais
estão se embasando para educar os seus filhos. Para tanto, será utilizado o
recurso de entrevista semi estruturada com o uso de gravador de áudio e
posterior transcrição das falas do (a) entrevistado (a).

Fui esclarecido de que durante esses momentos poderão ser realizadas
observações, gravações, filmagens e imagens. As filmagens, gravações e
imagens que serão geradas terão o propósito único de pesquisa, respeitando
as normas éticas quanto ao seu uso e ao sigilo nominal de meu/minha filho(a).

Estou ciente de que a pesquisa não me trará nenhum apoio financeiro,
dano ou despesa, uma vez que a participação de meu/minha filho(a) é um ato
voluntário. Houve a garantia de que esse tipo de pesquisa não compromete ou
prejudica em nada o desenvolvimento do meu filho(a).

A aluna graduanda coloca-se à disposição para esclarecer quaisquer
dúvidas quanto ao desenvolvimento da pesquisa.

Qualquer dúvida a respeito deste trabalho, contatar por meio do email:
dada-nicolini@hotmail.com ou pelo telefone (51)93115319.

Nome da criança: _____

Nome do responsável legal pela criança: _____

APÊNDICES

APÊNDICE A – Entrevistas para o trabalho de campo

Perguntas para as crianças:

1. Quem manda mais em casa? Por quê?
2. Como é a sua rotina, o que você faz quando está em casa?
3. Além do pai e da mãe, quem mais você obedece, por quê?
4. Quando vocês (família) vão ao mercado, você pode escolher alguma coisa?
5. Em casa, em que momentos você assiste tv?
6. Em que momentos o pai e a mãe conversam, brincam com você?

Perguntas para os pais?

1. Comente um pouco sobre a educação.
2. Como vocês agem diante das cenas de birra, tanto em casa, como com outras pessoas juntas?
3. Quem é mais “firme” no momento de falar sério e estabelecer regras?
4. Há uma correção, uma participação, na hora em que a mãe está falando, ou vice – versa?
5. Conte se já aconteceu com vocês, a experiência da frase: “Mas se eu fosse meu filho”: E caso já tenha acontecido em alguma situação com filho de vocês, como agiram?
6. Educar: o que você teria a dizer a respeito?
7. O que vocês pensam sobre os programas, livros, que ensinam a lidar com os filhos?